

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

O DIÁLOGO SOBRE A VIDA ETERNA: O CHOQUE ENTRE DUAS COSMOVISÕES  
NA PERÍCOPE DE MARCOS 10.17-31

Robersom Costa de Deus

SÃO PAULO  
2021

Robersom Costa de Deus

O DIÁLOGO SOBRE A VIDA ETERNA: O CHOQUE ENTRE DUAS COSMOVISÕES  
NA PERÍCOPE DE MARCOS 10.17-31

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito final no curso de Bacharel em Teologia da  
Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Orientador: Prof. Ms. Marcos de Almeida

SÃO PAULO  
2021

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Robersom Costa de Deus

O DIÁLOGO SOBRE A VIDA ETERNA: O CHOQUE ENTRE DUAS COSMOVISÕES  
NA PERÍCOPE DE MARCOS 10.17-31

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Ms. Marcos de Almeida - Orientador

---

Prof. - Leitor

SÃO PAULO

2021

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais Silas e Vera, que não somente me educaram nos caminhos do Senhor, como também me ensinaram a amá-lo.

## Agradeço:

A Deus em primeiro lugar, por ter me sustentado em todos os momentos da minha vida, e mesmo na minha pequenez ter me considerado digno do seu chamado.

Aos meus pais que sempre acreditaram no meu chamado, apoiaram e me sustentaram não somente financeiramente, mas principalmente em suas orações.

Aos meus irmãos Eversom, Eveli e Elide, pelos livros emprestados, pelas correções no texto e diagramação e principalmente pelas orações.

Ao meu amado professor e orientador Marcos de Almeida, pela sua disponibilidade em sempre servir compartilhando seu tempo, conhecimento e humildade.

A minha igreja, por seu apoio, carinho e orações, e também por permitir o desenvolvimento dos dons que o Senhor me concedeu graciosamente.

Ao meu pastor José Januário (Nino), por seu apoio, suas orações e por sua disponibilidade em sempre me atender.

*A análise retórica dos textos  
bíblicos é como tocar  
saxofone: é fácil fazer mal  
feito.*

*Kenneth E. Bailey*

## RESUMO

Este trabalho retrata a importância e a profundidade do evangelho de Marcos, mostrando que o texto do jovem rico e o perigo das riquezas tem muito mais a dizer do que apenas o sugerido pelo título. Em uma análise mais aprofundada e detalhada no texto de Marcos 10.17-31, pode ser percebido que esta perícopes se encontra no meio de uma sessão que não somente aborda o discipulado, mas também o preço do discipulado, com ênfase em duas perguntas importantes “*o que posso fazer para herdar a vida eterna*” e “*quem pode ser salvo*”, como um anseio pela eternidade. O texto é analisado a partir da importância das boas perguntas, pelos diálogos francos e pelo choque que existe entre duas cosmovisões.

**Palavras-chaves:** Perguntas. Respostas. Discipulado. Renúncia. Riqueza. Evangelho. Reino. Cosmovisão. Vida eterna.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. CONTEXTO – O EVANGELHO DE MARCOS .....	11
1.1. Panorama e justificação .....	11
1.2. Imediato literário.....	16
1.3. Específico da perícopes.....	21
2. TEXTO – A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.....	27
2.1. O que diz: breve estudo gramático, sintático e semântico da perícopes (UBS5) .....	27
2.2. A força da interpretação: o comentário bíblico (base para a Teologia Bíblica) 32	
2.3. Diálogo com outro (s) teólogos que comentaram a mesma perícopes .....	36
3. APLICAÇÃO – A REVELAÇÃO DA CERTEZA DA VIDA ETERNA.....	43
3.1. A importância das boas perguntas .....	43
3.2. O choque cultural entre duas cosmovisões.....	47
3.3. A verdade do evangelho a respeito da eternidade (vida) .....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	59



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise mais aprofundada no evangelho de Marcos na perícopes do 10.17-31, com a intenção de provar que esse texto tem muito mais a ser extraído de acordo com a intenção do autor, do que apenas falar em riquezas. Tem por objetivo também apresentar e explicar o motivo da escolha por Marcos uma vez que os evangelhos sinóticos, tanto Mateus, quanto Lucas descrevem esse diálogo de Jesus e o seu desdobramento. Mas não pretende ignorá-los, mas sim usá-los como apoio por serem passagens correlatas e por acrescentar numa compreensão maior do evento narrado pelos três evangelhos. “A linguagem de Marcos, no entanto, como acontece frequentemente, é mais descritiva e surpreendente” (HENDRIKSEN, 2003, p. 492).

Normalmente quando se observa um texto bíblico, por vezes se é levado a olhá-lo pela ótica de seu título, que antecede a cada perícopes, tanto isso é verdade que quando se quer citar um texto, a primeira coisa que vem à mente é o seu título, ou o título que demonstra o assunto da perícopes. É preciso lembrar que, conforme disse Antônio Gilberto da Silva (2004), e Norman L. Geisler e William E. Nix (1997), a Bíblia em seu original era um texto corrido, sem divisões de capítulos e versículos e nem títulos ou subtítulos antes de cada perícopes para informar qual o assunto a ser tratado, isso acabou acontecendo ao longo dos tempos para facilitar o seu estudo.

Está não é uma crítica ao que alguns homens fizeram ao de fato facilitar o seu estudo com essas divisões e títulos indicando seus assuntos, mas é preciso levar em consideração que esses títulos muitas vezes levam a ter uma visão minimalista ou simplista do que de fato a profundidade do texto bíblico quer dizer.

O texto em questão, a perícopes de Marcos 10.17-31, que leva os títulos de *O jovem rico* e *O perigo das riquezas* ou algo similar na maioria das traduções. O que pretende se provar ou tentar provar em uma análise mais profunda, exegética e contextualizada, em harmonia com uma boa teologia bíblica, é que esse texto tem muito mais a dizer do que o observado a partir de seus títulos.

Talvez a problematização ou uma das perguntas que possam ser feitas a essa perícopes seja: qual a importância das boas perguntas e dos diálogos francos e em que se baseiam dentro de um choque cultural entre dois mundos, o real com suas bagagens adquiridas ao longo da vida e o verdadeiro dentro da ótica do Evangelho a

ponto de torna-la compreensível, dentro da ótica do verdadeiro evangelho de Jesus. A partir desse questionamento pode se observar que o texto tem muito mais a falar do que apenas conduzir o foco para *O perigo das riquezas* e isolar em apenas pessoas ricas como *O jovem rico*.

Esse texto parece refletir o anseio de uma sociedade sobre carregada pelo peso dos fardos impostos por uma sociedade religiosa farisaica e as dúvidas que muitas vezes elas trazem ou provocam ao invés de esclarecer os questionamentos de uma sociedade que tem anseios, sendo um destes a eternidade. Talvez a riqueza seja apenas uma isca ou uma deixa que Jesus usa para aguçar a curiosidade e a perfeita compreensão do que é o evangelho, e falar do que é mais importante, o evangelho, a salvação e como se tornar cidadão do Reino, adquirindo assim a vida eterna, a partir da perspectiva do discipulado.

Conforme disse Sproul (2017, p. 510), esse texto tem muito a ver com muitos milhões de pessoas além de apenas falar de riquezas, revela a ânsia de uma sociedade em conhecer a verdade. A sociedade atual bem parecida com o representado no texto de Marcos entre o diálogo de Jesus e o homem dono de muitas propriedades e depois com os discípulos. Talvez a sociedade atual não tem feito as perguntas certas ou os diálogos não têm sido franco e com clareza do compromisso com a verdade do evangelho ao ponto de se preocupar mais em agradar do que dizer a verdade, em atrair adeptos do que convertidos, verdadeiros seguidores de Jesus.

A partir dessa proposta, o trabalho se apresenta em três capítulos, no primeiro um estudo sobre contexto do evangelho de Marcos, panorâmico voltado para a autoria e sua influência, imediato literário e imediato da perícopes; no segundo um estudo do texto, sua análise e interpretação, voltado para um breve estudo gramático, sintático e semântico da perícopes, comentário bíblico e diálogo com outro (s) teólogos; no terceiro um estudo sobre sua aplicação, voltado para a importância das boas perguntas, o choque cultural entre duas cosmovisões e a verdade do evangelho a respeito da eternidade.

Que Espírito Santo possa iluminar e conduzir todo o processo na busca humilde com o compromisso da verdade do evangelho de Jesus Cristo.

## **1. CONTEXTO – O EVANGELHO DE MARCOS**

O evangelho de Marcos, apesar de ser o mais curto dos evangelhos, apresenta uma quantidade importante de detalhes e conteúdo, que deveriam ser mais bem observadas na compreensão dos ensinamentos de Jesus sobre o evangelho do reino. Sua fonte e sua origem revelam a proximidade dos fatos com suas ocorrências, tornando se assim uma inesgotável fonte de conhecimento e prática sobre seu ensino, o que fora muitas vezes deixado para segundo plano ao longo da história.

### **1.1. Panorama e justificação**

O Evangelho de Marcos talvez seja o mais desprezado dos quatro Evangelhos, Carson em estudos recentes<sup>1</sup> sobre Marcos diz que este Evangelho recebeu pouca atenção durante muitos séculos, provavelmente por influência da igreja primitiva que rapidamente atribuiu ao evangelho de Mateus uma maior proeminência, sendo que Marcos foi considerado uma obra irrelevante e inferior em comparação a Mateus, ocupando uma posição de destaque somente no século XIX (1997, p. 118). Amaral afirma está ideia em seu artigo, acrescentando que o Evangelho de Marcos foi considerado inacabado, diferente de dos evangelhos de Lucas, Mateus e João. Isso porque Marcos não apresenta relatos sobre assuntos que os outros três evangelhos apresentam, como: a infância de Jesus, testemunho da aparição de Jesus ressuscitado, entre outros relatos, por isso sofreu preconceito literário e foi considerado uma obra fraca. Sendo menos estudado e citado pela Tradição Patrística e também nos escritos teológicos da Escolástica, sendo muitas vezes visto como um simples resumo dos demais Evangelhos (2011, p. 75-76). Lowery também relata sobre um lugar razoavelmente imperceptível que o evangelho de Marcos ocupa entre os outros evangelhos e principalmente entre os evangelhos sinóticos<sup>2</sup>. Em particular é menos considerado que os outros evangelhos mais longos. De certa forma, chega

---

<sup>1</sup> Estudos recentes é onde Carson em seu comentário acrescenta informações sobre os estudos mais recentes sobre determinado livro bíblico.

<sup>2</sup> Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), são chamados assim os três primeiros evangelhos, pela aplicação do ponto de vista semelhante, Tanto na organização, quanto no estilo sobre a descrição da vida e do ministério de Jesus, diferentes da perspectiva encontrada no quarto evangelho, o de João.

até ser compreensível essa modesta avaliação conferida ao evangelho de Marcos, cerca de 10% dos seus relatos contém informações que não se encontram nos outros sinóticos, talvez esse seja um dos motivos para ser considerado em sua essência um resumo dos outros evangelhos sinóticos. Agostinho dizia que Marcos era um abreviador de Mateus (2008, p. 69).

Sobre essa influência da Patrística até o iluminismo, Edwards acrescenta que a igreja cristã em razão dessa visão sobre Marcos, fundamentou-se ao longo da história, o seu retrato de Jesus basicamente no evangelho de Mateus (2018, p. 28).

Strauss ao escrever sobre o Evangelho de Marcos, em seu prefácio, mostra a sua indignação com esse tipo de pensamento que desprestigia este Evangelho, como se fosse um Evangelho inferior aos demais, não percebendo a maior profundidade desse Evangelho em relação aos outros e nem o desenho literário e a habilidade teológica do autor (2017, p. 8-9).

Segundo Tenney, a brevidade do evangelho de Marcos tem o objetivo e o compromisso maior com os fatos do que em especulação, ele diz:

No entanto, o evangelho de Marcos, apesar de sua brevidade, concede mais espaço aos milagres do que qualquer dos outros evangelhos, pois registra dezoito deles, em um possível total de trinta e cinco. Lucas, por exemplo, em noventa e uma páginas do texto grego, narra apenas vinte milagres, em quanto que os dezoito de Marcos ocorrem em cinquenta e três páginas do texto. Marcos estava muito simplesmente mais interessado em fatos que em especulação (2008, p. 182).

Ainda sobre a importância do evangelho de Marcos, Höster afirma:

Eles são apresentados em relatos breves e nos dão uma visão nítida dos milagres de Jesus, dos seus efeitos sobre os habitantes da Palestina e das discussões de Jesus com os líderes dos judeus. É evidente que Marcos também relata palavras e discursos de Jesus, mas, se contrastados com os seus atos, estão em segundo plano (2020, p. 27).

Apesar de serem relatos breves, nem por isso deixam de ser menos completos do que seus correspondentes sinóticos (Mateus e Lucas). Hendriksen diz:

Um estudo comparativo revela que o relato de Marcos é o mais longo e detalhado dos três. De acordo com Grk.N.T. (A-B-M-W), Marcos usa 270 palavras, Mateus 234 (quando o texto não-paralelo de Mt 19.28 é descontado do total) e Lucas 201. {...} Entretanto, está se tornando claro que, tanto em Mateus, quanto em Lucas, o acontecimento descrito em Marcos 10.17-31 aparece numa forma grandemente reduzida. O relato de Lucas é o menor dos três, mas mesmo Mateus omite muito do que se encontra em Marcos (2003, p. 491, 494)

Percebe-se que a importância de Marcos não está na quantidade e nem somente com o ensino falado, mas na qualidade de seus escritos, na permanência do foco ao que se propôs a escrever e também com a prática materializada das palavras de Jesus, provocando as mais inesperadas reações nas pessoas por onde passava.

Quanto a autoria deste evangelho, não existe indicação interna explícita sobre o autor, sendo que a maioria dos estudiosos confirmam essa verdade, Hale diz: “O Evangelho de Marcos, em si, é anônimo, ou seja, dentro do livro não há nenhuma definição definida quanto a quem é o autor” (1983, p. 56), outro também que afirma essa ideia é Gundry ao dizer que: “dependemos da tradição antiga e das evidências internas no que tange a questões de autoria” (1998, p. 85). Mas apesar de Gundry afirmar que para se traçar a autoria do evangelho de Marcos é preciso recorrer também as evidências internas, Tenney afirma que relativamente pouco se sabe sobre a autoria deste evangelho, baseado em evidências internas, o nome do autor não aparece no texto “e há poucas passagens que nos forneçam algumas sugestões acerca de seus interesses e de sua personalidade, isso para não dizer nada de sua identidade” (2008, p. 173). Segundo Carson provavelmente o nome Marcos atribuído como o título desse evangelho, foi acrescentado quando os evangelhos foram reunidos, isso para distingui-los, por volta do século II, mas isso pode ter ocorrido antes desse período (1997, p. 102).

Hale cita que para alguns estudiosos o jovem que aparece em 14.51-52 pode ser uma indicação encoberta ao autor. Provavelmente a inclusão isolada de tal incidente apontaria mais logicamente para o autor do que qualquer outro (1983, p. 57). Mas Höster cita como pouco provável que o jovem que aparece em 14.51-52 no momento da prisão de Jesus seja Marcos e que essa aparição seria uma maneira de identificá-lo como o autor do “Evangelho segundo Marcos”<sup>3</sup> (2020, p. 34). Para Tenney: “É difícil resistir à tentação de ver aqui a reminiscência de uma experiência vivida pelo autor” (2008, p. 175).

---

<sup>3</sup> Segundo Edwards esse era o nome com o qual a igreja primitiva se referia ao segundo Evangelho. “A igreja primitiva, com relação a tradição do evangelho, usava a palavra para “Evangelho” (gr. *euangelion*) com regularidade no singular e raras vezes no plural, indicando que concebia a tradição do Evangelho como uma unidade, ou seja, o *único* Evangelho em quatro versões” (EDWARDS, 2018, p. 29).

A maioria dos estudiosos creditam a autoria do segundo evangelho a Marcos com base em evidências fidedignas nos principais líderes da igreja primitiva. Carson relata que esse pressuposto é afirmando por muitos dos primeiros escritores cristãos e diz que: “Talvez o mais antigo (e certamente o mais importante) dos testemunhos seja o de Papias, que foi bispo de Hierápolis, na região da Frígia, na Ásia Menor, até cerca de 130 d.C.” (1997, p.102). Edwards é mais preciso ao afirmar que veio de Papias primeira referência ao autor e à circunstância segundo evangelho em sua obra intitulada *Exposição dos oráculos do Senhor*, composta um pouco antes de sua morte, e apesar do texto ter se perdido, o seu testemunho foi preservado através de Eusébio (2018, p. 30). Quando a importância de Eusébio, Höster acrescenta que uma constatação de maior importância e que deve ser dado mais valor, vem da *História Eclesiástica* escrita por Eusébio (260-339), onde ele cita Papias, que viveu no segundo século, e dessa forma, ainda tinha contato com a era apostólica. Sendo assim Papias se baseou no presbítero João para escrever *Exposições dos oráculos do Senhor* (2020, p. 34). Edwards acrescenta que apesar desse contato não ter sido diretamente com os apóstolos, fez uma investigação cuidadosa dentro das origens da tradição do evangelho, recebendo as informações que Eusébio cita, por intermédio dos sucessores imediatos dos apóstolos, não somente de um João, O Ancião, mas também de um certo Arístion, discípulo do apóstolo João (2018, p. 30).

Eusébio citando Papias em a *História Eclesiástica* diz:

O presbítero dizia o seguinte: Marcos intérprete de Pedro, escreveu cuidadosa, não porém ordenadamente, as recordações das palavras ou ações do Senhor. Mas conforme disse, mais tarde ele conviveu com Pedro, que pregava segundo as necessidades dos ouvintes, mas não elaborou uma síntese das palavras do Senhor. Assim ao escrever Marcos de acordo com suas lembranças, não cometeu erros. Tivera o único propósito de nada omitir do que ouvira, nem impingir algo de falso (2000, p. 169).

Gundry cita ainda outros nomes de grande importância que afirmam a autoria de Marcos, em associação com Pedro, são eles Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes e Jerônimo (1998, p. 86). Segundo Hale: “Os pais primitivos são enfáticos em dizer que João Marcos coletou seu material de Pedro”, e ainda atesta a importância da afirmação dos relatos de Papias, ao citar que este fora um estudante de Policarpo e este por sua vez teve contato com o apóstolo João (1983, p. 56).

Para Edwards a referência a Pedro é ainda mais elaborada no testemunho de Eusébio sobre o conteúdo que é atribuído a Clemente de Alexandria no final do segundo século (2018, p. 31). Sobre esse conteúdo Eusébio diz:

O evangelho segundo Marcos foi elaborado da seguinte forma: Pedro anunciava a palavra publicamente em Roma e explicava o evangelho guiado pelo Espírito. Os numerosos ouvintes insistiram para que Marcos, seu companheiro por muito tempo e, por isso, bem lembrado de suas palavras, transcrevesse o que ele havia dito. Marcos o fez e transmitiu o evangelho aos que lho haviam pedido (2000, p. 299).

Edwards acrescenta sobre esse relato o corroborante testemunho de Irineu em meados do segundo século que sobre Marcos diz: “o discípulo e intérprete de Pedro, após Pedro e Paulo pregarem e lançarem os fundamentos da igreja em Roma, também entregou ele mesmo um escrito dos fatos pregados por Pedro” (IRINEU apud EDWARDS, 2018, p. 31). Ainda segundo Edwards:

A tradição de que Pedro era uma fonte essencial para o evangelho de Marcos – na verdade, o segundo evangelho era em muitos aspectos “as memórias de Pedro” – encontrou, que sabemos, concordância unânime na igreja primitiva (2018, p. 31).

A partir dessas considerações, o segundo evangelho foi escrito por Marcos, que foi intérprete de Pedro, dos seus ensinamentos em Roma. Sobre esse contato de Marcos com Pedro, Tenney diz: “É também verossímil que ele estava, ao mesmo tempo associado com Pedro (2Pe 5.13). É indubitável que ele estava na igreja desde o princípio e era ativo na cooperação do testemunho da igreja, desde Jerusalém a Roma, no período de 30 a 60 d.C.” (2008, p. 174). É evidente também que para a maioria dos autores (Carson<sup>4</sup>, Edwards<sup>5</sup>, Hale<sup>6</sup>, Höster<sup>7</sup>, Gundry<sup>8</sup>, Shields<sup>9</sup> e Strauss<sup>10</sup>), baseados na tradição da igreja primitiva sugerem e afirmam que esse Marcos citado pela tradição é João Marcos que aparece no Novo Testamento, filho de uma mulher chamada Maria, em cuja casa a igreja primitiva se reunia em Jerusalém (At 12.12), foi companheiro de Barnabé e Paulo durante parte da primeira viagem

---

<sup>4</sup> (CARSON, 1997, p. 104-105).

<sup>5</sup> (EDWARDS, 2018, p. 32-33).

<sup>6</sup> (HALE, 1983, p. 56).

<sup>7</sup> (HÖSTER, 2020, p. 35).

<sup>8</sup> (GUNDRY, 1998, p. 85).

<sup>9</sup> (SHIELDS, 2015, p. 9-10).

<sup>10</sup> (STRAUSS, 2017, p. 25).

missionária destes (At 12.25; 13.4, 13) e o companheiro e filho na fé de Pedro (1Pe 5.13).

A partir do que foi apresentado, pode se observar a importância do evangelho segundo Marcos, principalmente pela sua proximidade com Pedro, por ser entre os sinóticos o que teve influência de um dos apóstolos que sempre esteve mais próximo de Jesus.

## 1.2. Imediato literário

Para Fee e Stuart: “O contexto literário tem a ver com o lugar de uma determinada perícopes no contexto de qualquer um dos evangelhos” (2011, p. 162). Por isso se faz necessário compreender o estilo literário utilizado por Marcos, para melhor posicionar a perícopes em estudo diante da sua peculiaridade em relação as suas ligações e ramificações com o todo do evangelho. Para Osborne o gênero ou tipo de literatura em que determinada passagem se encontra, fornece as regras necessárias para os jogos de linguagem, desta forma o seu significado depende do gênero do texto, e ainda acrescenta que:

A questão do gênero é um importante elemento no debate sobre a possibilidade de recuperar o significado pretendido pelo autor (Hirsch chama isso de “gênero intrínseco”). Todos os escritores expressam sua mensagem dentro de um determinado gênero, para que os leitores tenham regras suficientes pelas quais possam decodificá-la. Essas indicações orientam o leitor (ou ouvinte) e fornecem pistas para a interpretação. (2009, p.32).

A partir da importância da identificação do gênero literário para uma melhor e mais exata compreensão do texto, sobre o entendimento dos evangelhos Fee e Stuart alegam que a princípio parece fácil sua compreensão, e de fato é, por se tratar de ditos e narrativas, “ou seja, em ensinamentos *de* Jesus e em narrativas *acerca de* Jesus”, teoricamente pode ser seguido os mesmos princípios de interpretação das epístolas em relação aos ditos, e também os mesmos princípios de interpretação das narrativas históricas em relação as narrativas. Mas, no entanto, não é tão fácil assim a interpretação dos evangelhos, por se tratar de um gênero literário inigualável e singular, pelo fato de haver poucas comparações reais (2011, p. 153).



Para Edwards, apesar de Marcos ser o mais compacto dos evangelhos, isso se dá pelo número menor de narrativas. Mas as histórias que Marcos relata, são narrativas mais completa que as mesmas histórias nos outros evangelhos (2018, p.37 e 38). Tenney diz que: “O evangelho de Marcos é uma narrativa histórica que expõe um quadro representativo da pessoa e obras do Senhor Jesus Cristo. Não é primeiramente uma biografia, {...} tampouco visa fornecer dados acerca de qualquer fase particular de sua vida” (2008, p.177), sobre esta questão biográfica Hale diz que: “O livro não é uma biografia, é um “Evangelho”” (1983 p. 59).

Sobre o estilo de Marcos, Gundry diz:

Com raras exceções, Marcos é o evangelho da ação e não dos Longos discursos. Em uma narrativa de movimentos rápidos, Marcos narra as atividades de Jesus na qualidade do poderoso e autorizado filho de Deus, particularizando Seus milagres de curas e exorcismos (1998, p. 86).

De acordo com Morris a essa relação ao dinamismo de Marcos, acrescenta que ele não perde tempo em dizer qual sua intenção, já no 1.1 ele apresenta seu propósito logo com suas primeiras palavras “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Dessa forma que tudo começou, e Marcos define esse começo como “evangelho” (2003, p. 113).

Mas apesar do evangelho de Marcos ser o evangelho de Jesus Cristo, o filho de Deus, ele o escreve de uma maneira bem peculiar de acordo com suas influências e necessidades. Segundo Tenney: “O evangelho de Marcos é conciso, claro e direto, estilo esse que agradaria à mentalidade romana que não gostava de abstrações e fantasia literária” (2008, p. 176). Essa objetividade e intenção, fica mais evidente ainda no uso do seu vocabulário, que de acordo com Edwards, é relativamente modesto, de fala comum com a finalidade de transmitir eventos extraordinários, dessa forma, Marcos evita um estilo culto e com frequência foi afetado pelo que caracteriza as obras-primas áticas e também por muitas palavras gregas helenistas. Escreve em um estilo sem rebuscamento, porém vívido, que se comunicava de imediato com o leitor (2018, p. 38). Para Lowery, é possível que Marcos adotasse um estilo de escrita um tanto primitivo ou iconográfico, de propósito, isso para desviar a atenção de si próprio como escritor, direcionando assim o foco do leitor para o assunto em questão, no caso a vida e o ministério de Jesus, mas talvez o mais provável, é que isso reflita apenas o seu domínio imperfeito do grego, meio que por escolha ele resolveu empregar

reconhecendo sua adequação para alcançar a maior parte das pessoas (2008, p. 71). Talvez o que de mais importante que se possa concluir, é que de uma maneira ou de outra, Marcos sabe qual a melhor forma para atingir a sua intenção e propósito com a maioria possível das pessoas, inclusive fazendo uso de palavras latinas, que segundo Tenney: “Parece que Marcos usou termos latinos por serem mais comuns e mais familiares” (2008, p. 176).

Ainda sobre a importância da narrativa vivaz do evangelho de Marcos, Edwards diz:

A narrativa vivaz de Marcos deixa a impressão de bastante proximidade dos eventos descritos, e suas perícopes são postas lado a lado, como tijolos de uma construção praticamente sem argamassa editorial entre elas. Detalhes narrativos organizadores – por exemplo, onde e quando Jesus estava em um dado momento ou quem estava com ele – são reduzidos a um mínimo, e o resultado dessa estratégia narrativa se aproxima das peças modernas com pouco cenário e pano de fundo, a fim de focar a atenção totalmente em Jesus (2018, p. 38).

Como estratégia narrativa e uma possível organização dos fatos e ditos narrado por Marcos em ordem cronológica, Höster acrescenta que: “O autor fez uma seleção de relatos sobre atos e discursos de Jesus e os redigiu de forma aparentemente desconexa” isso porque: “Não é possível reconhecer um cronograma exato dos atos de Jesus nesse Evangelho” ao contrário do que acontece com o evangelho de João (2020, p. 29). Sobre a cronologia, o tempo da narrativa e o tempo da história, Osborne acrescenta que:

Refere-se à ordem dos eventos dentro da narrativa e ao modo como eles se relacionam uns com os outros. O tempo narrativo é diferente do tempo cronológico porque tem a ver com o arranjo literário e não com a sucessão histórica. O conceito é muito importante quando se estuda a história antiga, pois, para os cronistas, uma ordem sequencial não era assim tão importante quanto o retrato dramático. Isso pode ser mais bem demonstrado na comparação dos quatro Evangelhos. Os sinóticos (Mateus, Marcos, Lucas) dão a impressão de que Jesus se ocupou de um ministério de um ano, enquanto João detalha um ministério de dois anos. O motivo é que João narra três Páscoas (Jo. 2.13; 6.4; 11.55) enquanto os Evangelhos sinóticos mencionam apenas a Páscoa da crucificação. Claramente não se fez qualquer tentativa de seguir uma cronologia, e os evangelistas estavam mais interessados em relatar o significado da vida e do ministério de Jesus (quem era ele, bem como o impacto que ele causou sobre os discípulos, as multidões e os líderes religiosos) do que simplesmente fornecer detalhes referentes à sua vida. Até mesmo em Mateus, Marcos e Lucas, a sucessão de eventos é bastante distinta (uma leitura atenta de qualquer concordância dos Evangelhos pode provar isso). Robert Stein (2001:352-353) observa como isso é útil, pois ajuda a concentrar nossa atenção no arranjo feito pelo

autor e nos temas que ele desenvolve através dessa ordem. Isso nos impede de procurar harmonizar os Evangelhos em uma “vida de Cristo” cronológica e de dar mais atenção à história do que à teologia, {...}. Stemberg fala de “descontinuidade temporal” ou suspense como um meio de aumentar o envolvimento do leitor no drama (1985:265-270). O autor provoca uma “lacuna” na narrativa com a mudança de eventos e cria o suspense ao oferecer um conhecimento incompleto do futuro (2009, p. 262-263).

O modo como Marcos usa essas estratégias narrativas parece mostrar a sua principal intenção em tentar cativar o leitor, e ainda sobre esse assunto, Höster afirma que é percebido também que a estrutura deste evangelho não leva em consideração a sequência cronológica dos fatos, isso porque a tradição sobre a vida de Jesus é organizada em conformidade com três pontos geográficos: “os acontecimentos na Galileia, os acontecimentos no caminho para Jerusalém e os acontecimentos em Jerusalém”, o foco então não é uma descrição completa sobre a vida de Jesus, mas sim os grandes atos de Deus na vida de Jesus. Dessa forma Marcos organiza seu evangelho a partir da perspectiva de um escritor que decidiu organizar o material de acordo com pontos geográficos, como poderia também ter decidido organizar de acordo com parâmetros cronológicos (2020, p. 29-30).

Também é importante observar algumas técnicas que Marcos usa para relatar a sucessão de ditos e fatos narrados por ele com a intensão de levar o leitor a prender sua atenção no foco principal ao invés de um simples relato histórico. Sobre uma dessas técnicas, Edwards cita a “*técnica de sanduíche*”, no qual Marcos interrompe com frequência uma história ou perícopes, para inserir uma segunda história aparentemente sem nenhuma relação com a primeira. Essa técnica, por subsequente, são convenções literárias com propósitos teológicos. “Cada unidade de sanduíche consiste da sequência  $A^1-B-A^2$ , em que o componente -B funciona como uma chave teológica para as metades que o ladeiam” (2018, p. 39). Sobre essa técnica Höster diz: “Em vários pontos do Evangelho ele interrompe sua apresentação com uma inserção, o que deixa o leitor curioso para ver o fim daquela história” (2020, p. 30). Edwards ainda acrescenta que pelo menos nove vezes essa técnica acontece em Marcos, como por exemplo no capítulo 5 sobre a cura da filha de Jairo que é interrompida com a cura da mulher com fluxo de sangue, em particular esse sanduíche é sobre a fé, mas outros enfatizam temas concomitantes de discipulado, testemunho ou perigos da apostasia. Em comparação com os outros evangelhos sinóticos, revela

que Marcos “emprega a técnica sanduíche de uma forma pronunciada e única para salientar os principais temas do evangelho” (2018, p. 39).

Outra técnica utilizada por Marcos é a ironia, segundo Edwards, Marcos é o mestre do inesperado, ele diz:

O uso da ironia é importante para o segundo evangelista que, ao longo de todo o evangelho, descreve Jesus como aquele que desafia, confunde e algumas vezes quebra os estereótipos convencionais, quer religiosos, quer sociais, quer políticos. A resposta de Jesus a várias pessoas e situações – e a resposta delas a ele – não é de forma alguma o que o leitor antecipa. {...} Jesus entra em uma grande variedade de cenário em Marcos, em cada um deles continua a ser sua própria pessoa em liberdade e autoridade soberanas, desafiando a forma como as coisas são e estendendo esperança para o que podem se tornar. Os leitores do evangelho de Marcos acham necessário abandonar suas concepções do que Deus e o Messias de Deus são a fim de experimentar um “novo ensino – e com autoridade” (1.27) – e aprender que o vinho novo exige uma vasilha de couro nova (2.22) (2018, p. 39-40).

Além dos estilos literários e das técnicas empregadas por Marcos, é preciso ressaltar também um dos importantes estilos de ensino de Jesus narrado por Marcos, que são as parábolas e suas ações parabólicas. Stählin afirma que “as ações de caráter parabólico e as parábolas pertencem à mesma família” (STÄHLIN apud KUNZ, 2018, p. 17).

Dessa forma, para Fee e Stuart: “Em certo sentido, a própria parábola é a mensagem. Ela é contada para dirigir-se aos ouvintes e cativa los, a fim de fazê-los parar e pensar acerca das suas próprias ações, ou de levá-los a dar alguma resposta a Jesus e ao seu ministério” (2011, p. 183). Bailey também vai pelo mesmo sentido de levar o ouvinte a uma reação, ele diz: “As parábolas de Jesus são uma forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte reagir” (1995, p. 14). Pode se perceber a partir desses autores que as parábolas não eram apenas ilustrações, Manson afirma que as mentes seguiam um padrão ocidental de pensamentos, eram treinadas para isso, sendo assim estavam acostumadas a argumentos teológicos expressos de forma abstratas, e, assim, para popularizar as conclusões teológicas, podiam ser ilustradas com temas do cotidiano. Manson diz ainda: “A verdadeira parábola não é uma ilustração para ajudar a esclarecer uma discussão teológica; pelo contrário, é uma forma de experiência religiosa” (MANSON apud KUNZ, 2018, p.19).

Ações parabólicas por sua vez, podem ser expressas conforme disse Ballarini: “exprimem uma determinada realidade ou verdade com extrema evidência, bastando poucas palavras, as quais ordinariamente acompanham a ação, para nos dar o seu significado” (BALLARINI apud KANZ, 2018, p.21). Jeremias chega a ser mais enfático ao descrever ações parabólicas, ele diz: “As ações parabólicas de Jesus são pregação. Jesus não só pregou a mensagem das parábolas, mas também as viveu e as corporificou em Sua pessoa. Jesus não só fala a mensagem do Reino de Deus, Ele a é ao mesmo tempo” (1970, p. 228).

A partir da variedade de técnicas e estilos apresentados sobre o evangelho de Marcos, poderá ser percebido que a perícopes ação do presente estudo se relacionara com praticamente todos que foram apresentados.

### **1.3. Específico da perícopes**

Antes de partir para o estudo da perícopes em si, é preciso antes entender o contexto específico do qual ela se encontra, pois é de suma importância para uma melhor e mais correta compreensão, principalmente se tratando dos evangelhos. Fee e Stuart afirmam que para se compreender uma perícopes específica na questão dos evangelhos, não devem ter por mais importante o método usado nas epístolas, que devem ser aprendidas a partir do pensar em parágrafos. Já no caso dos evangelhos isso não é o mais importante, apesar de que em alguns momentos ainda seja apropriado, especialmente quando o texto se trata de um grande bloco de ensino (2011, p. 162). Gourgues apesar de estar se referindo a interpretação específica das parábolas, e que serve também para interpretar textos nos evangelhos, acrescenta que em todos os casos deve haver esforço para se compreender as parábolas em função do contexto em que os autores as situam, “do significado que lhes deram, das aplicações que delas tiraram, em relação a suas preocupações e às de suas comunidades” (2004, p. 15-16).

A partir destas afirmações, quando se observa a perícopes adotada (Marcos 10.17-31) para este presente estudo, fica evidente a importância do seu contexto e apesar dos sinóticos não terem sido escritos seguindo uma mesma sequência dos fatos, e se fosse possível apontar um ponto central de intersecção entre eles, essa

perícopes seria esse ponto. Segundo Fee e Stuart “para um estudo sério dos evangelhos, precisará recorrer a uma sinopse (uma apresentação dos evangelhos em colunas paralelas)” (2011, p. 168). Observe o quadro abaixo e veja os acontecimentos centrais que cercam e influenciam diretamente na perícopes:

<b>ACONTECIMENTO</b>	<b>MATEUS</b>	<b>MARCOS</b>	<b>LUCAS</b>
Acerca do divórcio	19:3-12	10:2-12	
O rico e o mendigo			16:19-31
Os tropeços			17:1-2
Quantas vezes deve perdoar			17:3-10
A cura de dez leprosos			17:11-19
A vinda do reino de Deus			17:20-37
O juiz iníquo			18:1-8
Fariseu e o publicano			18:9-14
Jesus abençoa as crianças	19:13-15	10:13-16	18:15-17
<b>O jovem rico</b>	<b>19:16-22</b>	<b>10:17-22</b>	<b>18:18-23</b>
<b>O perigo das riquezas</b>	<b>19:23-30</b>	<b>10:23-31</b>	<b>18:24-30</b>
Os trabalhadores da vinha	20:1-16		
Jesus prediz a sua morte e ressurreição	20:17-19	10:32-34	18:31-34

Após observar o quadro, é percebido a mesma sequência dos fatos nos três evangelhos, o que seria correto dizer que essa narrativa acontece em uma sequência exata desses acontecimentos que cercam a perícopes em estudo.

O encontro relatado no texto ocorre na região da Judéia (10.1), mas provavelmente o interlocutor que inicia o diálogo seja da Galiléia. Para Stambaugh e Balch os galileus eram conhecidos pela lealdade religiosa e cultural para com o templo de Jerusalém (1996, p. 85) e segundo Daniel-Rops havia uma certa suspeita de que o povo da Judéia, não eram rígidos na observância da lei (2008, p. 50).

Carson coloca essa perícopes na seção que intitula: “O caminho da glória e do sofrimento” que termina com Jesus no caminho para Jerusalém rumo ao desfecho final da trajetória e missão terrena de Jesus (1997 p. 101). Para Konings e Gomes a palavra caminho apresenta um conceito muito importante na Bíblia, significa a

experiência fundamental de um povo ou alguém em relação a algo ou seu povo, indica ação, movimento em direção a algo maior, e afirma também que a estrutura fundamental de Marcos é a do caminho, e em especial “O caminho de Jesus e dos discípulos” (2018, p. 9-10).

Dentro desse contexto, ou seção, é possível perceber a influência social, religiosa e cultural da época, principalmente na questão religiosa e econômica, isso em uma perspectiva do ensino diretamente ligada ao discipulado.

Sobre a riqueza, para Horley e Hanson no tempo de Jesus, nas narrativas dos evangelhos, a vida que é retratada é bem diferente do mundo urbano cosmopolita e a narrativa apresentava um mundo com duas classes existentes, a dos muito ricos e a dos pobres (1995, p. 21). Segundo Stambaugh e Balch as culturas do mundo clássico eram baseadas em tradição mais antiga que o dinheiro. “Gregos, romanos e hebreus, todos tinham a lembrança de uma época em que a riqueza e *status* se mediam em termos de terras e rebanhos” (1996, p. 55). Rolland e Saulnier complementam que em características gerais, a base da economia permanecia sobre a terra, através da agricultura e pecuária, sendo a segunda tanto para a criação de corte como também para o transporte (1983, p. 13). Stambaugh e Balch ainda acrescentam:

A riqueza material do mundo greco-romano estava distribuída de maneira muito desigual. Uma pequena parte da população possuía uma grande proporção de terras e de recursos, e a massa de homens e mulheres tinha de se contentar com poucos meios ou lutar com muita dificuldade. Nem todos os que eram muito ricos tinha *status* social correspondentemente alto, mas todos os membros da elite social possuíam muito dinheiro. {...} A riqueza da elite baseava-se, portanto na terra, quer herdada quer adquirida de vizinhos insolentes ou devedores, quer obtida como espólios de guerra. Da mesma forma também no mundo galileu dos evangelhos, todo rico, cuja fonte de renda se identifica, deve sua riqueza (com duas exceções) à agricultura (Mt 13,3-4; 21,28; 25,14-30; Lc 19,11-27). Uma exceção é o mercador que encontra a pérola de grande valor (Mt 13,45-46); a outra é Zaqueu, o coletor alfandegário, que paga por sua fonte não-tradicional de riqueza aceitando status social inferior (Lc 19,1-10) (1996, p. 57).

A partir destes estudiosos e do próprio relato da perícopa, é possível perceber que a condição de riqueza de um dos personagens envolvidos na narração, o fomentador da questão, está relacionado com a grande quantidade de terras que possuía e muito provavelmente relacionado com a agricultura ou a pecuária.

Quanto a influência religiosa, segundo Jeremias os fariseus eram na sua maioria, pessoas do povo, sem formação de escriba, no entanto, mantinham uma

relação estreita com os escribas a ponto de não serem vistos separados e ao mesmo tempo que houve a ascensão dos escribas, ocorreu a dos fariseus. Eles não são simplesmente pessoas que vivem de acordo com os mandamentos religiosos dos escribas fariseus ou conforme as prescrições sobre dízimo e pureza, mas buscam essa meta como comunidades religiosas. A primeira aparição dos fariseus ocorreu no século II a. C., e isso como grupo organizado, 1 Macabeus 2.42 chama de “associação de judeus piedosos, denodados homens de Israel, extremamente devotados a lei” (2010, p. 333-334). Horsley e Hanson acrescentam: “Os fariseus buscavam a pureza pessoal nas suas associações e, pelo menos inicialmente, tentaram fazer com que o governo de Deus fosse realizado através de processos políticos estabelecidos” (1995, p. 142).

Conforme Rolland e Saulnier existiam sete categorias de fariseus, e eles mesmos sabiam diferenciar os bons dos maus com humor ferino. Um desses eram os “ecônomos”, que sempre se perguntam: “Que pequena coisa vou executar para aumentar meus méritos?” No geral, os fariseus eram homens piedosos, conheciam bem a lei, esforçavam-se primeiro em vivê-la eles próprios, e também consideravam como dever difundi-la ao redor. É lamentável que tenham chegado a ser caricaturados por Jesus como hipócritas. Atribuem o mesmo valor ou até mais a lei oral do que a lei escrita, e é na medida em que respeitavam toda a lei, tanto a escrita quanto a oral, que adquiriam os méritos necessários para a salvação e o envio do Messias para enfim estabelecer o Reino de Deus, expulsando ao mesmo tempo tanto romanos, quanto todos os outros (1983, p. 80-82).

Para Jeremias os fariseus não podem ser entendidos como escribas, ele diz:

É preciso, portanto, estabelecer uma nítida distinção entre escribas e fariseus, e rejeitar a ideia completamente falsa segundo a qual os fariseus, como tais, eram escribas. Um único ponto é indiscutível: os chefes e os membros influentes das comunidades farisaicas eram escribas (2010, p. 343-344).

Uma situação importante social e cultural é a questão da infância que tem muito a ver com um dos temas principais da seção. Segundo Daniel-Hops o verdadeiro israelita dava maior importância à educação moral do que qualquer outra coisa e à medida que a lei moral se fundiu na religiosa, então o primeiro dever do pai passa a ser o ensino dos mandamentos a seus filhos. Os pais transmitiam aos filhos as



maravilhas que Javé realizara em favor de seu povo, pois, tanto a prática da religião, quanto a história da raça, ambas faziam parte da lei. Todo o significado era explicado sobre as grandes festas e ensinavam como cada costume era observado e como possuíam um sentido santo, sendo tudo também exigido das crianças pela lei.

Dessa forma, era obrigatório aos pais enviarem seus filhos para a escola, havia também punição para os preguiçosos e os que faltavam muito, e a escola primária era ligada à sinagoga. E as crianças, tanto ricas quanto pobres começavam a frequentar a escola com cinco anos. Neste processo de aprendizado, os professores eram muito considerados e “a voz corrente dizia que um mestre-escola era “o mensageiro do Todo-Poderoso””. A tarefa principal dos alunos era repetir de memória em voz alta, todos juntos as sentenças ditas pelo mestre, desta forma a mnemônica era parte necessária da expressão a transmissão de pensamento, sendo assim, era usada frequentemente no ensino o paralelismo, repetição e aliteração, onde eram empregadas pelas crianças mesmo em suas brincadeiras.

Nesta escola se aprendia em primeiro lugar a Torá, ou para ser mais exato, não aprendiam praticamente nada além da Torá, ela era ensinada para tudo, tanto que as máximas da lei, aprendidas na infância “entram através do sangue e saem pelos lábios” (2008, p. 127-129).

Sobre a infância, Rolland e Saulnier fazem importante acréscimo ao relatar que a criança não podia possuir nada, devendo respeito aos pais e aos irmãos e se algo fosse encontrado, não pertencia a ela, mas ao pai, do qual era totalmente dependente, não podendo decidir nada sozinha (quanto a fazer votos), e era representada na justiça pelo pai (1983, p. 72). Pode se perceber neste contexto referente a infância, a evidente importância de dependência da criança em relação ao pai, ao ensino e também o aprendizado. Daniel-Rops acrescenta que: “O evangelho refere-se a crianças copiando os adultos” (2008, p. 130).

Essa referência a cópia desemboca no principal assunto da seção, o discipulado. Fee e Stuart intitulam essa seção que compreende o texto de 8:22 a 10:25 de: “A CRUZ E O CAMINHO DO DISCIPULADO” e dizem:

É quase impossível não ver a característica central dessa seção, que enquadra o todo, a saber, as três predições de paixão e a dureza de coração dos discípulos. Desse modo, as multidões e a oposição recuam para o pano de fundo, enquanto Jesus, a caminho de Jerusalém, dedica-se primeiramente a instruir os discípulos (2019, p. 278-279).

Assim como foi dito por Fee e Stuart, fica nítido que as experiências ocorridas como pano de fundo, tem muita importância no ensinamento de Jesus para a seus discípulos, e isso com verdadeiras e expressivas experiências. Ao olhar para a seção fica mais fácil perceber que Jesus intercala experiências bem vividas e de suma importância em seu ensinamento junto aos discípulos. Essas experiências são iscas para trazer os discípulos ao assunto que Jesus quer ensinar, e mais importante do que a compreensão total, é trazer os discípulos para mais próximo Dele. Sobre o assunto Edwards diz:

O discipulado é definido repetidas vezes em Marcos pela simples proximidade com Jesus: estar com ele (3.13), sentar-se em volta dele (3.34; 4.10), ouvi-lo (4.1-20) e segui-lo “pelo caminho” (1.16-20; 10.52). O ato simples, mas importantíssimo, de ouvir e seguir Jesus antecede e é mais importante que a compreensão total dele por parte dos discípulos. Os discípulos, e em especial os Doze, são mostrados com frequência como indivíduos a quem falta compreensão e até mesmo com coração duro (8.14-26). É surpreendente observar que isso não compromete o discipulado deles. O que Jesus tem de ensinar só pode ser ensinado em um relacionamento de aprendiz que requer que os discípulos estejam com ele mais do que tenham a plena compreensão de quem realmente é o mestre. Na verdade, a compreensão deles só pode vir da perspectiva da cruz, quando a cortina do templo é rasgada e o sentido da filiação divina de Jesus é totalmente revelada (15.38,39) (2018, p. 44).

Talvez o que é mais difícil perceber na seção, é que a perícopes recorte do atual estudo pode funcionar como uma força centrípeta atraindo toda a seção para si, tendo todos ou quase todos os elementos da seção presentes na perícopes, a narrativa do jovem rico e o perigo das riquezas.

## **2. TEXTO – A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO**

Este capítulo pretende fazer uma análise mais apurada da perícopre para sua melhor compreensão e interpretação, como um requisito básico de uma boa interpretação bíblica, para isto, será utilizado o texto UBS5 e seu aparato crítico. A intenção é chegar o mais próximo do que de fato foi, do que representa e de sua importância para a compreensão do evangelho, esse diálogo, tanto do jovem com Jesus, quanto de Jesus com seus discípulos.

### **2.1. O que diz: breve estudo gramático, sintático e semântico da perícopre (UBS5)**

O labor exegético contempla, ou descortina no campo da crítica textual as variantes com alto grau de incertezas, desta forma é importante mencionar que a perícopre no texto UBS5 apresenta seis variantes textuais, sendo três de nível “A”, duas de nível “B” e uma de nível “C”, partindo de “A” o menor nível de incerteza e “C” um nível maior de incerteza. Mas segundo Omanson a maioria tem a ver com acréscimo ou subtração que não trazem maiores implicações para a interpretação do texto, talvez usados para harmonizar com o texto de Mateus e Lucas, ou com o assunto da seção, apenas uma de nível “A” que aparece no 10.25 que muda o significado da palavra usada. Nos principais manuscritos, a palavra utilizada é κάμηλον que significa camelo, já em alguns poucos manuscritos gregos mais recentes, aparece κάμιλον que significa corda, cabo de um barco, isso acontece porque na história mais recente da língua grega as duas palavras chegaram a ter a mesma pronúncia, mas em qualquer uma das situações o significado da intenção em usa-las não é alterado (2010, p. 32, 87-88).

Talvez o mais difícil seja entender o que está por traz da pergunta, ou ainda o que está por traz da intenção de quem pergunta, para então tentar entender qual a resposta de Jesus. Para isso é preciso entender o texto em duas partes, a primeira o diálogo com o jovem que se aproxima e pergunta, e a segunda o debate com os discípulos.

Na primeira parte a narração de Marcos, não faz uma identificação precisa e específica da pessoa que chega até Jesus, Utiliza apenas o εἷς (*heis*) um numeral, para descrever alguém que se aproxima, nem mesmo é utilizado o termo νεανίσκος (*neaniskos*) jovem ao longo do texto. Por isso segundo Rusconi, pode ser usado como adjetivo ou substantivo em um sentido estritamente numérico, ou para indicar unidade, só, um só (2003, p. 151). No texto é usado como substantivo para referir se a quem chega e não uma qualidade de quem chega. Para Louw e Nida (εἷς) “um” poder ser usado com contraste com mais de um, uma referência à uma só pessoa ou coisa indefinida (2013, p. 538, 725). Sendo assim, provavelmente Marcos está mais comprometido em relatar o fato e distinguir o um dos demais e os características ou qualidades são atribuídas ao longo e de acordo com a intenção do diálogo. Mas é certo, que esse “um” aparece no nominativo e masculino, por isso homem e passa a ser o sujeito intercambiando com Jesus, trazendo o foco agora para justamente o que se é conversado entre eles.

Para Mateus, esse εἷς (*heis*) é um jovem νεανίσκος (*neaniskos*) que é utilizado em 19.20,22, e que segundo Louw e Nida o termo é usado para descrever um jovem do sexo masculino que já passou a fase de puberdade, mas ainda não se casou (2013, p. 99). Coenen e Brown acrescenta que o termo diferenciava um homem jovem de um homem ancião sendo que um ancião provavelmente tem mais de 50 anos (2000, p. 224).

Em Lucas o termo νεανίσκος (*neaniskos*) também não aparece, mas em 18.18, utiliza o termo τις (*tis*) pronome indefinido sendo usado como um adjetivo “um certo”, e segundo Rusconi se enfático, qualquer um ou qualquer coisa de importância (2003, p. 458) e também o termo ἄρχων (*archōn*) substantivo, que para Rusconi significa chefe, podendo ser magistrado, juiz, ou chefe da sinagoga, ou um chefe dos judeus, ou um chefe dos sacerdotes e até mesmo uma autoridade (2003, p. 80). Para Coenen e Brown o termo pode também significar dominador, governador e príncipe, mas quando utilizado “há mais ênfase no poder que se torna necessário para comandar”. Quando empregada no NT esse grupo palavras, “dá a entender, como no Gr. Secular, uma certa prioridade, tanto no tempo como na categoria e no prestígio”. Ainda diz que usado no sentido de chefe, autoridade ou encarregado, a palavra era empregada especialmente com respeito às autoridades das sinagogas, aos membros leigos do

Sinédrio e aos membros da mais alta autoridade judaica de modo geral (2000, p. 266-370). Ambos os termos são utilizados como sujeito, para se referir a mesma pessoa que chega até Jesus.

Tanto Mateus quanto Lucas reforçam a intenção de Marcos em dar mais atenção para o fato em si do que identificar com precisão a identidade da pessoa, para o fato o mais importante é dizer quem era a pessoa em sua condição social. Isso porque não é exclusivo e necessário a identidade, mas abrange a condição da pessoa.

A pergunta que estrutura a primeira parte do texto e dá origem para todo o texto, é baseada no verbo ποιέω (*poiéo*) fazer, para Louwn e Nida, esse é um verbo que possui um campo semântico muito vasto, sendo o uso mais comum o uso genérico (fazer qualquer coisa), pois se apresenta como um verbo vazio e sendo assim, a ênfase semântica recai sobre o substantivo que acompanha o verbo vazio (2013, p. 136 e 454), dessa forma a ênfase está não em fazer, mas na vida eterna.

Esse verbo aparece como ποιήσω (*poiésō*) aoristo do subjuntivo ativo, essa declinação mostra a intenção do interlocutor. Segundo Wallace, o aoristo contempla ação como um todo, pontual, vista de fora sem se preocupar com o processo, é como uma foto instantânea da ação. Provavelmente está em um uso constativo ou consumativo que implica em uma ação específica e que a partir dessa ação resulte uma consequência (2009, p. 555, 557 e 559).

Sobre o subjuntivo Wallace relata que está mais para o modo da probabilidade do que do modo da incerteza e os tempos no subjuntivo envolvem só o aspecto (tipo da ação), se for considerado uso deliberativo, é meramente voltada para uma questão que implica alguma dúvida sobre a resposta, mas a questão real reside geralmente na área cognitiva, como por exemplo “como podemos...?” na qual a pergunta é sobre os meios, normalmente são bem comum o seu uso com verbos na primeira pessoa (2009, p. 461, 463 e 465).

Pode ser percebido que a ênfase está no ato pontual e não como processo, no meio para se obter a vida eterna, independente de tempo, ou se já ou se quando (presente, passado ou futuro), na possibilidade real de alcança lá, no ato desesperado e angustiante de possui lá, como algo que ainda não se possui, ou não tem certeza de já a possuir, isso fica mais evidente ainda pelos termos usados προσδραμῶν (*prosdramōn*) correndo e γονυπετήσας (*gonypetēnsas*) ajoelhando-se.

Tão entusiasmante e direta como a pergunta, é a resposta de Jesus, só que por partes, Jesus percorre um caminho mais periférico para chegar no ápice da resposta, como um elemento para prender a atenção dos ouvintes e mostrar de maneira bem explícita e objetiva qual é a resposta.

A resposta de Jesus é estruturada em duas partes, a primeira pela expressão τὰς ἐντολὰς οἶδας (*tas entolas oidas*) “conheces os mandamentos”. Sendo que o substantivo feminino ἐντολή (*entolé*) mandamento, segundo Louw e Nida, é “aquilo que foi ordenado com autoridade” (2013, p. 381). Coenen e Brown acrescentam que esse substantivo, se empregavam dos mandamentos de Deus, assim como os decretos reais ou imperiais (2000, p. 1243). Esses mandamentos de Deus na perícope, fazem referência direta ao Decálogo.

Quanto ao verbo οἶδα (*oída*) conhecer, saber, Louw e Nida alertam para a existência de “considerável correspondência ou sobreposição e relacionamentos multidimensionais envolvendo todos os domínios e subdomínios relacionados com atividade intelectual”, sendo assim pode estar relacionado com saber a respeito de, estar familiarizado com, ou saber como fazer certa atividade, ou compreender o significado de algo, com ênfase no conhecimento resultante, ou como ser capaz de trazer a memória, lembrar, recordar (2013, p. 299-300, 311, 341). O mais provável e que a resposta defina o domínio semântico, ou pelo menos o que foi entendido.

Esse verbo aparece flexionado no perfeito do indicativo voz ativa, conforme Rega e Bergmann esse tempo verbal “indica o processo de uma ação e, ao mesmo tempo a existência real dos seus resultados. Em geral, expressa o estado atual como resultado de uma ação acabada no passado” (2014, p. 31). Para Moulton “o tempo perfeito é o mais importante exegeticamente entre todos os tempos gregos” (MOULTON apud WALLACE, 2009, p. 573) e segundo Wallace “quando usado, porém, normalmente há uma escolha deliberada por parte do escritor (2009, p. 573). Chamberlain vai além ao descrever o perfeito, às vezes usado para “descrever uma ação com resultados permanentes”, sendo que a implicação do que “o perfeito traz é que o evento ocorreu e *ainda tem* resultados significantes” (CHAMBERLAIN apud WALLACE, 2009, p. 574), Wallace conclui que o perfeito é “relacionado aos aspectos tanto do aoristo quanto do presente. Ele fala de uma ação completa (aoristo) com resultados (presente)” a questão básica é qual desses aspectos o contexto enfatiza

(2009, p. 574). Ainda conforme Wallace, o uso do perfeito nesta perícope segue o perfeito com força de presente. Logo esse uso ocorre especialmente com verbos onde o ato desliza sobre os resultados. São perfeitos consecutivos de um ato que, em si, já ocorreu. Os resultados tornam-se o ato” (2009, p. 579-580).

A resposta do jovem a essa primeira parte da resposta de Jesus, chama a atenção além das ênfases ταῦτα πάντα ἐφυλάξαμην ἐκ νεότητός μου (estes **todos** eu guardei **a partir da (desde a)** mocidade minha) [grifo meu], o verbo φυλάσσω (*phyláссо*) que segundo Louw e Nida pode significar guardar com segurança, vigiar e obediência (continuar a ser obediente) (2013, p. 417, 433).

Mas o que mais chama a atenção é a voz com que o verbo é utilizado, voz média, que bem resumido por Rega e Bergmann, “expressa uma ação que o sujeito realiza em si mesmo, para si mesmo ou de si mesmo” (2014, p.33). Wallace acrescenta que a voz média enfatiza a participação do sujeito, como o agente do verbo. A definição dada ao uso da voz média indireta é, quando “o sujeito age a favor de (ou, às vezes, por) si mesmo, ou em seu próprio interesse” (2009, p. 414-415, 419-420).

A segunda parte da resposta de Jesus atinge o ápice ao dizer: “Uma só te falta” (ἔν σε ὑστερεῖ), de acordo com o campo semântico do verbo ὑστερέω (*hysteréo*), o que melhor se encaixa no texto é provavelmente o que diz Louw e Nida: “carecer aquilo que é essencial ou necessário” (2013, p. 500). O complemento dessa resposta vem na forma de um duplo imperativo “vem e segue-me” (δεῦρο ἀκολούθει μοι). Esse duplo imperativo ganha ênfase e destaque na pessoa que se refere, vir a Jesus e seguir a Jesus. Ambos aparecem na mesma declinação, presente do imperativo do indicativo ativo, os dois possuem a mesma força na atitude durativa expressa pela declinação, atitudes que é para acontecer de forma constante. Segundo Wallace a força do imperativo no presente “geralmente é o comando de uma ação como um processo contínuo”, é ver a ação como em processo, seu uso é “em grande parte, para preceitos gerais, i.e., hábitos que caracterizam a atitude e comportamento de alguém, e não situações específicas” e sendo ingressivo-progressivo a força é começar e continuar, “se enfatiza tanto a inceptção quanto o progresso de uma ação ordenada” (2009, p. 485, 717, 721). Dessa forma o ato de vir também é constante assim como o seguir, em um processo contínuo aos pés de Jesus.

Talvez a dúvida maior é se Jesus fez um convite duplo manifestando seu desejo, ou uma ordem dupla para alguém que quer vir após Ele (8.34), uma vez que o verbo declinado está na segunda pessoa do singular. Para Wallace “o imperativo, na terceira pessoa, normalmente é traduzido como faça ele” o que indica seu uso como ordem e não uma mera permissão (2009, p. 486). Sendo assim provavelmente o mais certo a dizer é que Jesus deu uma ordem através de convite para aquele que queria ter a vida eterna.

## **2.2. A força da interpretação: o comentário bíblico (base para a Teologia Bíblica)**

A interpretação de Marcos 10.17-31, objeto deste trabalho vai adotar como base os estudos preliminares já feitos, tanto de contexto quanto exegéticos, e para uma maior fluência não serão repetidos no item 2.2.

Os textos “O jovem rico” e “O perigo das riquezas” (títulos utilizados na Bíblia Shedd, versão ARA) nos evangelhos sinóticos, e em especial no evangelho de Marcos, relata a história de alguém que não surge do nada (10.1), muito provavelmente o jovem vem na leva das multidões que se reuniam junto a Jesus, e o faz com um objetivo específico. Também não era alguém sem história ou sem bagagem cultural, mas sim um bom ou exímio religioso de tradição judaica e com um certo grau de proeminência e poder (de posição) (Lc 18.18), e que desde criança aprendeu as tradições religiosas e culturais de seu povo.

É provável, que os ensinamentos de Jesus tenham colocado em dúvidas toda a sua crença e tradição, principalmente nos ensinamentos de Jesus com as crianças, “Quem não receber o reino de Deus como criança de maneira nenhuma entrará nele” (10.15). O seu desespero e angústia são tão grandes em sanar sua única dúvida que não perde a oportunidade, a ação de correr e ajoelhar-se reafirmam sua vontade em saber o que é certo fazer para atingir seu objetivo.

A pergunta que ele faz estrutura não só o seu diálogo com Jesus, mas também estimula e estrutura a segunda parte com os discípulos. Pelo teor da sua pergunta, provavelmente venha de uma tradição farisaica, só mais duas pessoas que também vem da mesma tradição fizeram perguntas similares para Jesus nos evangelhos,



Nicodemos (Jo. 3.1-7) e o intérprete da lei no contexto da parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37). Sendo que a pergunta deste último é igual a pergunta feita pelo jovem, mas a intenção totalmente diferente.

No começo da pergunta vem o reconhecimento de quem pode lhe dar o que pedia, Mas Jesus rapidamente diz que esse só Deus. Na pergunta, mais do que uma intenção sincera, está o desejo de ter a vida eterna em algum feito exclusivo para isso e se ele tem feito ou ainda falta fazer, como reconhecimento de não ter certeza de ter feito tudo para obter a vida eterna, isso em algo que ele mesmo faça.

Em sua resposta Jesus começa em direção ao apontado pela pergunta, a salvação como um mero dever em consequência de atos realizados. Jesus então diz “Sabes os mandamentos” e logo em seguida cita a segunda parte do decálogo e não por coincidência a parte que diz respeito a atitudes para com o próximo. Ao responder está primeira parte da resposta de Jesus, é percebido a partir do 2.1 que o jovem não apenas conhecia os mandamentos como praticava desde um bom tempo, não se tratava de um mero conhecimento teórico, mas prático.

É neste ponto do diálogo, que o narrador (Marcos) faz uma pausa na descrição da conversa entre os dois (Jesus e o Jovem) afim descrever uma atitude expressa pelo gestual de Jesus “Fitando-o, o amou”, a forma expressa pelo verbo amor ἠγάπησεν (*égapesén*) é a mesma que João usa (Jo 3.16) para descrever o amor de Deus ao mundo. Para o jovem seguir os mandamentos era uma questão de obrigação e não de amor. A partir dessa atitude de amor de Jesus é que chega ao ápice da resposta, “Só uma coisa te falta”, e o que faltava era o necessário o essencial. O que faltava, não era vender tudo e dar aos pobres, mesmo porque este nem mesmo é um requisito para seguir o evangelho do reino, mas sim “vir” e “seguir” a Jesus, o vender e dar aos pobres era apenas uma atitude de amor, primeiro para com Deus e depois para com o próximo, e também a remoção de uma barreira que o impedia de “amar”, “vir” e “seguir”, pois seu amor era a riqueza. Na seção a qual a perícopé faz parte, Jesus já havia falado de eliminar barreiras, aquilo que faz tropeçar (9.43-48), Jesus apenas mostrou ao jovem uma maneira de demonstrar amor e eliminar aquilo que o fazia tropeçar.

O jovem saiu triste sem aceitar a ordem dupla através do convite amoroso de Jesus, o texto diz que ele tinha muitas propriedades, uma grande barreira que o

impedia de “amar”, “vir” e “seguir” a Jesus. De acordo com (UBS5), alguns manuscritos fazem um acréscimo, após ou antes do “vem e segue-me”. Segundo Omanson esse acréscimo (toma a tua cruz) foi tirado do contexto anterior (8.34) (2010, p. 87). Note que no (8.34), Jesus faz um convite pessoal para a multidão e no (10.21) Jesus faz um convite pessoal individual. Independente do acréscimo, era isso que Jesus estava dizendo, vender e dar aos pobres era negar-se a si mesmo.

Na segunda parte do texto, Jesus, com sua maneira brilhante de ensinar, aproveita o fato ocorrido como uma isca para ensinar mais uma vez o que é o evangelho. Jesus ao falar de quão difícil é para os que tem riquezas entrar no reino de Deus, causa espanto aos discípulos, muito provável que eles não entendiam ainda o que era o evangelho e seus pensamentos fossem o mesmo ou parecido ao do jovem. Dá a entender o texto que por causa dessa falta de compreensão dos discípulos Jesus insiste e diz “os que cofiam em riquezas”, colocando o foco na confiança. A partir dessa insistência, Jesus conta uma pequena parábola, mas de grande conteúdo, e ao que parece os discípulos não compreenderam na corretamente, a não compreensão total da parábola levou os discípulos ao ponto onde Jesus queria chegar. Mesmo porque o texto trabalha em paralelo na questão das ideias, tanto com o jovem como com os discípulos.

Ao explicar o grau de dificuldade para um rico entrar no reino de Deus, Jesus conta a parábola, que pode ser vista de duas maneiras, segundo Bailey umas das maneiras de entender essa parábola é o seu sentido literal, tanto o camelo como fundo de agulha são literais, mas a outra perspectiva é que fundo de uma agulha seria uma abertura pequena em uma porta maior, bipartida de mais ou menos três metros de altura por três metros e meio de largura em madeira maciça para a entrada de pessoas no pátio comum das aldeias, uma vez que essa porta maior era pesada e era aberta quando vinham mercadorias nos lombos dos camelos, mas o mais correto é o sentido literal, uma vez que a salvação é impossível a ação humana (1995, p. 352-353).

Na mentalidade dos discípulos os ricos estariam a frente dos outros quanto a salvação, Shedd em seu comentário diz que: “Os judeus olhavam para as riquezas ganhas honestamente como um sinal de benção de Deus” (1997, p. 1405). Sendo assim os ricos teriam todas as vantagens em relação a agradarem o coração de Deus. Os discípulos atrelavam a salvação a algo humano que pudesse ser feito, do homem

para com Deus e não de Deus para com o homem, o dinheiro e a posição de uma pessoa seria fator facilitador para alcançar esse objetivo. É neste ponto e com essa compreensão que os discípulos então soltam a pergunta que complementa a pergunta da primeira parte e que estrutura a segunda parte do texto “quem pode ser salvo”, achando que aos ricos era difícil ou impossível, como seria para os outros, que não tinha a prerrogativa das bênçãos advinda da riqueza.

Esse é um dos pontos centrais do evangelho, o ponto que Jesus queria chegar, não é impossível só para os ricos, mas para todos os homens, todos são igualados, sem vantagens por dinheiro ou posição social ou qualquer outra fonte que possibilitaria uma vantagem. Jesus então diz: “Para homem é impossível, contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível”, com essa resposta Jesus revela que a salvação é uma ação de Deus, mostrando a soberania de Deus no ato salvífico e em tudo o mais.

É muito provável, que Pedro tenha se lembrado do convite que Jesus fez para o jovem, e no contexto anterior a multidão, antecipando o que poderia ser colocado novamente por Jesus, responde positivamente ao convite já feito e aceito em nome de todos os discípulos, mas talvez com o intuito de tirar alguma vantagem desse feito, no contexto posterior (10.35-45) dois dos discípulos vão querer tirar proveito da situação, como se não tivessem aprendido ainda qual o propósito do discipulado.

No versículo 29, Jesus revela que não é só a riqueza que pode ser um empecilho, a riqueza é só um dos, a riqueza foi usada como isca para convergir o ensinamento de Jesus ao que é ser discípulo e a vida eterna. O termo ἀμήν (*amém*) é uma transliteração do hebraico e segundo Louw e Nida o termo é usado para uma confirmação enfática daquilo que é dito “verdadeiramente, de fato, é verdade que” (2013, p. 599). Para ser discípulo e ter a vida eterna é preciso deixar tudo, Jesus está repetindo o que já havia dito em (8.35), mas Jesus explica aos discípulos que a verdadeira motivação deve ser o amor a ele e ao evangelho, e não por obrigação.

Jesus no final da perícopes com uma resposta completa, mostra qual será o resultado presente e futuro de quem o segue por amor a Ele e ao evangelho. O presente é receber muito mais do que perderam, mas um recebimento pago com perseguições e no futuro a vida eterna, provavelmente os discípulos não tinham percebido ainda, o que iria acontecer com eles, Jesus ali estava contando a história

da vida deles, novamente entra em cena um dos paradoxos do evangelho, já falado no contexto anterior (8.35), perder a vida por causa de Jesus e do evangelho.

Note que no texto e contexto próximo (seção) por duas vezes Marcos coloca o evangelho lado a lado com Jesus (8.35; 10.29), já nos textos correlatos em Mateus e Lucas, só aparece Jesus ou o reino de Deus, sem a presença e acréscimo do evangelho (Mt 16.25; 19.29 e Lc 9.24; 18.29 (reino de Deus)). Isso revela a intenção de Marcos em mostrar como inseparável, com a intenção de Jesus em ensinar que Ele e o evangelho do reino são inseparáveis. Na perspectiva de Jesus e do evangelho segundo Marcos, Jesus é o próprio evangelho de Deus enviado para resgatar a humanidade perdida, e sem acepções de pessoas.

Marcos termina a perícopé de uma forma que parece estar solta no texto, mas esse final está totalmente ligado, não só ao texto como também a seção em que o texto faz parte, tem a ver com o ensinamento de Jesus ao discipulado (9.35; 10.43-45) principalmente com o exemplo de Jesus a ser seguido. O uso da conjunção adversativa  $\delta\epsilon$  (*dé*), implica, segundo Louw e Nida em “um marcador de uma relação aditiva, mas com a possível implicação de algum tipo de contraste” (2013, p. 702, 706). Sendo assim muitos vão procurar a vida eterna, mas poucos vão estar dispostos a deixar tudo por amor de Jesus e do evangelho.

O texto, mais do que falar em riqueza, é uma síntese do evangelho, onde Jesus aproveita mais um fato ou evento para ensinar seus discípulos, qual a lógica do reino, sobre a tão almejada salvação, o que talvez só viria a fazer sentido para os discípulos mais tarde após a consumação das predições de Jesus.

### **2.3. Diálogo com outro (s) teólogos que comentaram a mesma perícopé**

O contexto anterior de Jesus com as crianças, funciona totalmente o oposto do texto em estudo, entre o verdadeiro e o que se acreditava. Edwards diz: “O homem rico na presente história, com suas posses e posição social, representa um contraste marcante com as crianças simples da história anterior” (2018, p. 387). “Para receber o Reino uma criancinha é preciso estar livre, de mãos vazias” (KONINGS & GOMES, 2018, p. 53), pois obter o Reino era o desejo do Jovem rico.

Para Shields (2015, p. 73) o homem que Mateus chama de jovem e Lucas de homem importante, provavelmente era de uma família de classe alta. Handriksen acrescenta que o jovem rico, muito provavelmente era um dos oficiais na liderança da sinagoga local (2003, p. 495), o que demonstra sua influência e importância na comunidade Judaica.

Muitos estudiosos concordam com o estado de ânimo do jovem, urgência, desejo e sua dúvida em relação ao ensinado, Mulholland diz:

Pessoas de posse também procuravam a Jesus. De acordo com a prática local, pessoas de certa distinção não correm em público. Mas este homem quebra o costume ao correr para Jesus com o intenso desejo de encontrar resposta para uma questão profunda. {...} Ele rejeita a resposta ortodoxa, que diz que a salvação é para judeus circuncidados que obedecem os mandamentos. Ele faz a pergunta à pessoa certa, embora deixe transparecer que pensa ter capacidade própria para adquirir a vida eterna (2007, p. 160).

Sobre esta urgência Hendriksen acrescenta: “Diante do seu estado emocional, evidenciado pelo fato de que correu e ajoelhou-se aos seus pés, ele pode bem ter estado proferindo, penosamente, a questão que perturbava seu coração e mente” (2003, p. 496). “Não era costume se ajoelhar diante de um rabi; portanto o ato foi de alguma reverência. Dirigir-se a alguém como Bom Mestre era muito incomum” (TURLINGTON, 1986, p. 422).

Segundo Edwards a pergunta que o Jovem fez, não foi feita por mais ninguém que ouviu Jesus ensinando na Galileia, uma pergunta como essa de tal magnitude, não foi feita nem mesmo pelos discípulos de Jesus. “Finalmente, é feita a Jesus a pergunta essencial capaz de divulgar o sentido do seu mistério” (2018, p. 388). Para Heriksen o jovem estava, sem dúvida, com “o desejo de se assegurar, aqui e agora, de que ele estava, de fato, caminhando na direção certa do seu destino final. Pelo menos por um momento, esse jovem pareceu estar desejoso de fazer o que fosse preciso para alcançar o seu alvo” (2003, p. 497).

A primeira parte da resposta de Jesus, foi pelo caminho inverso do que talvez a multidão estava acostumada a ouvir, da mesma forma que a pergunta não tinha sido ouvida. Mulholland vê a primeira parte da resposta de Jesus ser direcionada aos Dez Mandamentos, que para os judeus era considerado normas para a conduta correta. Ao focar a segunda tábuas do Decálogo (Ex 20. 13-17), Jesus está perguntando ao homem se ele realmente é bom a partir desses padrões ligados aos valores sociais

mais elevados. “Esse teste é justo, pois relacionamentos humanos são mais facilmente verificáveis, enquanto que cumprir a primeira tábua (relacionamento com Deus; Ex 20.3-8) não é tão evidente” (2007, p. 160). Para Edwards, Jesus de forma irônica retém a resposta que o jovem esperava. “Talvez ele sinta que a pergunta proferida pelos lábios desse homem não é a pergunta de seu coração” (Edwards, 2018, p. 388).

Sobre a primeira parte da resposta de Jesus Turlington diz:

O homem ficou desapontado com a resposta de Jesus. Não era a mesma coisa que lhe haviam dito, e até na mesma linguagem? As profundezas do significado dos Mandamentos ele nunca havia sondado; ele era provavelmente, mais bisonho do que desonesto, ao dizer que os havia guardado desde a juventude. Os rabis criam que o homem possuía a capacidade de Guardar todos os Mandamentos de Deus. Mas Jesus queria uma justiça que fosse interna, bem como externamente obediente, de forma a o próprio homem estar de acordo a vontade do caráter do Pai Celestial (Mat. 5:17-48) (1986, p. 423).

Para Mulholland a reação do Jovem em “sua resposta ingênua indica que o comportamento correto para ele {...} é uma questão de obediência externa, não no caráter e intenções do coração” (2007, p. 160).

Parece que a dúvida ainda persistia no coração do jovem, pois se não, não haveria a necessidade da pergunta inicial, devido a resposta de Jesus. Ao partir para a segunda parte da resposta a derradeira e essencial, Marcos descreve uma ação interna de Jesus que foi expressa apenas pelo olhar. Esse “fitando-o, o amou”, parece expressar que Jesus percebeu a verdadeira intenção do jovem. Shields acha que o significado dessa ação é que Jesus buscava e se preocupava com o bem-estar do homem (2015, p. 74). Para Edwards é um julgamento equivocados achar que a atitude do jovem foi arrogante ou hipócrita, pois:

A palavra grega traduzida por “olhou” (gr. *emblepein*) é um termo composto da palavra para “olhar” com ênfase, cujo sentido é “olhar com intenção”, “examinar” ou “escrutinar”. Jesus não se deixa enganar pelo jovem rico. Ele viu o íntimo desse jovem e “o amou”. A palavra grega traduzida por “am[ar]” (gr. *agapan*) é a forma mais sublime de amor no Novo Testamento, cujo sentido é o amor que caracteriza Deus e do qual é digno. Devia haver algo raro e admirável nesse homem, pois, no evangelho de Marcos, não se afirma que Jesus “o amou” em relação a ninguém mais” (2018, p. 390-391).

Provavelmente a segunda parte da resposta de Jesus foi a resposta que o jovem queria ouvir em termos de o necessário, direto ao ponto, mas talvez em seu

íntimo nunca imaginária isso, foi totalmente inesperada e pesada a resposta. Segundo Hendriksen: “Para esse jovem, tal suprimento extra, que “preencheria” o que faltava, era apenas uma questão de adição. Ele queria saber qual era a obra meritória que precisava acrescentar às outras boas obras que já praticava” (2003, p. 503-504).

Para Turlington:

Jesus não lhe diz exatamente qual é essa coisa, mas diz-lhe o que é necessário para essa coisa, no caso dele, se tornar realidade. Tudo quanto tens, disse Jesus, está entre ti e o resultado de tua busca. Não o retenhas: vende-o e dá-o aos pobres. É como o Evangelho de Marcos tem estado a dizer: Deus toma nota do ato bondoso e altruísta de um homem (9:41), e algumas vezes o homem precisa desfazer-se do que lhe é mis caro, se quiser entrar no reino (9:43, 45, 47). {...} O que mais significava para ele, aquilo que ele confiava para ter segurança, o tipo de vida que ele gostava e achava confortável o haviam isolado da entrega verdadeira e absoluta a Deus (1986, p. 423).

Edwards acrescenta que a resposta foi direcionada ao presente, era preciso fazer algo agora. Sua total aderência a lei moral, por melhor e necessário que seja, não serve como substituto para seguir a Jesus. “A verdadeira obediência à lei só podia ser alcançada ao se tornar discípulo de Jesus, e a obediência à lei, a menos que leve o discipulado com Jesus, é incompleta, e fútil” (2018, p. 391). E ainda sobre a resposta de Jesus, Mulholland diz:

Ele pensa que suas riquezas são bênçãos de Deus (cf, Jó 1.10; 42.10; Sl 28.1-2). Enquanto que a posseção de riquezas em si mesma não é errado, as riquezas frequentemente controlam a pessoa. Ela oferece as pessoas um meio de dominar e explorar os outros, o que é contrário do modelo de serviço de um discípulo (9.34, 10.42). Para começar, esse homem precisava rejeitar (como o primeiro mandamento requer, ou nas palavras de Mc 9.43, “corte-a”) quaisquer coisas que poderiam tomar o lugar que pertence à Deus. Se ele tivesse seguido a Jesus, ele teria cumprido o primeiro mandamento (pois quando Jesus disse. “Venha, siga-me, ele reafirma a sua unidade com o Deus que é bom). {...} Jesus não rejeita o homem; ele demonstra amor por ele. Jesus aponta a necessidade dele e lhe confere a liberdade de escolha consciente. {...} Os imperativos (“Vai, vende, dá”) têm como o alvo o problema maior desse homem. “Vem, e segue-me” são ordens universais, repetidas por todo o evangelho. (2007, p. 161-162).

Em seu comentário Holman (2021, p. 1629) concorda com Edwards (2018, p. 392) que a reação do Jovem a resposta final de Jesus, é descrita por Marcos com um verbo descritivo usado apenas neste texto, uma palavra particularmente descrita em grego, *stygnazein*, com sentido de “chocado”, “alarmado” ou “nublado como o céu”, A fascinação ou engano das riquezas sufocam a palavra (4.19). A reação estampada no

rosto do jovem deve ter sido visível, em vez de Cristo, escolheu suas grandes posses, sendo essa a última notícia que se tem do Jovem.

Na segunda parte do texto, “o resto da conversa é com os discípulos, mas está intimamente relacionada com o problema suscitado pela inquirição do Homem e sua riqueza” (TURLINGTON, 1986, p. 424). Para Mulholland o episódio do Jovem rico serve como base para Jesus continuar elaborando sobre a dificuldade de entrada no reino de Deus. Com uma progressão tripla de afirmações, coloca em xeque conceitos populares da vida (vs. 23, 24, 27): “Quão dificilmente entrarão...os que tem riquezas!”, “quão difícil é...entrar no reino”, “Para os homens é impossível”, afirmações como estas só podem gerar a conclusão de que “somente Deus pode salvar”, os discípulos ficavam cada vez mais perplexos. “Entrar no reino de Deus, é mais do que difícil, é impossível à parte do agir miraculoso de Deus (2007, p.162, 163).

Segundo Hendriksen, não é de se espantar, “tendo em vista a maneira errônea pela qual as ideias em relação à prosperidade (saúde, riqueza) eram divulgadas naqueles dias, o fato de que esses homens tenham ficado perplexos diante dessas palavras” (2003, p. 506). Sobre essa perplexidade dos discípulos, Turlington acrescenta:

Não é de se admirar que os discípulos se maravilharam com as palavras de Jesus, pois eles eram ainda, em demasia, discípulos de sua cultura judaica, e não percebiam plenamente todos os contrastes entre a sua herança cultural e os ensinamentos de Jesus. A reação de Jesus para essa perplexidade dos discípulos foi, antes de tudo, a de ampliar o alcance de suas palavras no versículo 23: é difícil, para qualquer pessoa, entrar no reino. {...} Para enfatizar mais essa verdade, Jesus recorreu à mais forte espécie de hipérbole. O camelo era o maior animal comumente visto naquela terra, e o fundo de uma agulha o buraco menor de que eles comumente falavam. Claro que nenhum camelo podia realmente passar pelo fundo de uma agulha; Jesus estava dizendo: é impossível um rico entrar no reino. Mas o “impossível” é figura dada não para ser entendida literalmente, mas para enfatizar o quanto é difícil. Ele qualifica a sua própria palavra, dizendo que realmente não é impossível para Deus (v. 27), mas ele deve ter arrebatado com êxito a atenção dos seus discípulos com esta hipérbole (1986, p. 424).

Essa hipérbole realmente não somente prende a atenção dos discípulos, como também instiga o raciocínio deles para compreender então “quem poderia ser salvo?”, para Edwards essa é a pergunta certa a ser feita e não a do jovem, ele diz:

A resposta: “Neste caso, quem pode ser salvo?”, o que para os discípulos parece significar futilidade é, sem que se deem conta, uma porta para a esperança. Essa, por fim, é a pergunta certa, e isso esclarece o fato de Jesus



responder a essa pergunta deles sobre o discipulado, ao passo que evitou a pergunta do jovem rico sobre a salvação nos versículos 17, 18. A pergunta revela a total futilidade dos esforços humanos diante de Deus. {...} A palavra de Jesus deixa evidente no íntimo dos discípulos o que deveria ter ficado evidente no íntimo do homem rico – a deficiência deles. Contudo, a deficiência que aparece como inabilidade, até mesmo futilidade, aparece para Jesus como abertura para o potencial de Deus. Não são eles que farão algo por Deus ou realizarão a palavra dele, mas Deus que realizará sua palavra no íntimo deles. O que Deus ordena, ele também provê. Há nessa troca entre Jesus e os discípulos o inconfundível cerne da doutrina da graça, conforme exposta mais tarde pelo apóstolo Paulo (394-395).

Segundo Hendriksen a beleza da resposta de Jesus a essa pergunta, expressa no (v. 27), nesse momento dramático, quando Jesus fixou o olhar sobre os discípulos, devem ter-se enchido de profunda determinação e amor. Ao dizer: “Para os homens é impossível”, isso é exatamente o que quer dizer. Em cada ponto, começo, meio e fim, o ser humano é total e completamente dependente de Deus para sua salvação, não sendo possível fazer nada por si mesmo, precisa nascer de novo, ou “nascer de cima”, para que seja salvo (Jo 3.3, 5). Não existe espaço, para a religião do jovem rico, religião corrente entre os judeus daqueles dias. “Qualquer coisa que diminua o valor da soberania de Deus na salvação do ser humano é condenável” (2003, 509).

Sobre a afirmação lastimosa de Pedro, em nome dos discípulos, Hendriksen compara com a mesma afirmação do jovem, se um cumpria todos os mandamentos, os discípulos deixaram tudo (2003, p. 511), parece que os discípulos estavam interessados na recompensa, talvez uma atitude interesseira e egoísta como seria a dos dois irmãos querendo vantagem ao sentar-se ao lado de Jesus no seu reino (10.37).

Para Edwards o chamando escandaloso de Deus envolve rompimento total com as antigas alianças (casa, família e campos). E a menção de “perseguições”, é digna de nota, “pois é o único termo negativo em uma lista de bênçãos. Sua presença na lista lembra os discípulos de que a existência cristã não é uma utopia, e a fé cristã não é uma apólice de seguro contra a adversidade e a tribulação (2018, p. 396). Mulholland acrescenta que “sua promessa, no entanto, é condicional: Jesus e o evangelho devem ser a razão por detrás de suas ações. Além do mais, as bênçãos incluem sofrimento e perseguições” (2007, p. 163).

Segundo Turlington a promessa de Jesus está no presente e no futuro. No presente está na família de Deus, como comunidade de compartilhamento. Em comparação com o que a pessoa tem e é, e o novo relacionamento é cem vezes mais.

E no futuro, na era porvir, “o verdadeiro discípulo recebera o que aquele homem rico buscava: a vida eterna (1986, p. 424). Edwards acrescenta que essas palavras tinham um significado especial para os primeiros leitores de Marcos, em sob o domínio de Nero. “O sofrimento deles – e todo o sofrimento que resulta da fidelidade ao evangelho – não são um sinal do abandono ou desfavor divino, mas um concomitante inevitável da fé” (2018, p. 396).

O versículo 31 que encerra a perícopa e que parece desconexo, para Mulholland “indica que o futuro julgamento de Deus trará uma reversão da condição terrena. Aqueles que pensam ser dignos do favor de Deus não o acharão: o favor de Deus é liberalmente oferecido a todos que reconhecem que não são merecedores” (2007, p. 63-64). Essa condição da reversão terrena, Edwards chama de quiasmo. “Esse quiasmo é preservado em várias camadas da tradição da igreja primitiva. Sua simplicidade capta uma profunda ironia do discipulado. {...} (9.35)” (2018, p. 397).

Turlington acrescenta que “dá a entender que haverá algumas surpresas quanto às recompensas eternas” (1986, p. 424). Mas para Holman, “Jesus enfatizou a inversão de valores tão proeminentes no discipulado cristão” (2021, p. 1630).

### **3. APLICAÇÃO – A REVELAÇÃO DA CERTEZA DA VIDA ETERNA**

Assim como Jesus Cristo ensinou seus discípulos e todos aqueles que chegaram até ele, esse texto tem muito a dizer para a sociedade atual, principalmente porque uma de suas principais marcas é tentar prolongar o máximo possível a vida, como uma carência em busca do que é eterno, a vida eterna. Sendo assim a igreja precisa estar preparada para responder quando alguém ou a sociedade chega até ela para perguntar sobre a vida eterna e tudo o mais que envolve o evangelho de Jesus Cristo.

#### **3.1. A importância das boas perguntas**

A perícopes começa com uma pergunta que resulta o anseio e desejo muito grande por parte de um homem, depois segue com outra pergunta, agora por parte dos discípulos, ambas em buscas de respostas. Mas o que dizer destas perguntas hoje, será que ainda são feitas, ou quais perguntas a sociedade tem feito?

Segundo Abdallah<sup>11</sup> da Forbes Brasil (umas das mais renomadas revistas de negócios e economia do mundo) além de preparo para fazer boas perguntas, é necessário buscar entender a causa dos problemas, e entre algumas sugestões para se elaborar boas perguntas, estão: Escutar, atentamente e até o fim, o que lhe dizem; deixar-se levar pela curiosidade genuína; fazer perguntas simples e perguntar de outra maneira. E ainda:

fazer as perguntas certas. Saber o que se quer saber de fato não é simples como pode parecer. Exige perguntar, quantas vezes e de quantas maneiras for preciso, o que nem sempre está claro nem para quem responde. Muitas confusões, desalinhamentos, decepções derivam de perguntas mal elaboradas, não feitas ou feitas sem a insistência necessária (2021).

Em uma breve comparação com esse modelo sugerido pela Forbes para formular boas perguntas, com as perguntas do texto estudado, tendo o cuidado e levando em consideração os momentos e conteúdos diferentes, mas de forma mais genérica quanto a fazer boas perguntas, pode se perceber que há certa similaridade

---

<sup>11</sup> (<https://forbes.com.br/forbes-collab/2021/07/ariane-abdallah-como-fazer-boas-perguntas/>).

entre o padrão da Forbes e as perguntas do texto. Provavelmente o Jovem ficou escutando atentamente os ensinamentos de Jesus, para fazer a pergunta no limite, quando já estava se pondo a caminho. Ele sabia bem o que queria perguntar, fez uma pergunta simples e direta, e ainda insistiu na resposta até a sua compreensão. Até mesmo os discípulos, presenciaram tudo, ouvindo, se admirando, não entendendo e também fazendo perguntas diretas e objetivas e insistindo até entender, ou pensar que entenderam. Muito provável que se a Forbes fosse analisar essas perguntas hoje, dentro do seu modelo ou sugestões, a classificaria como excelentes perguntas.

Segundo Robbins as convicções que afetam as decisões, ações e o rumo de vida da pessoa, são influências provenientes do pensamento, da maneira como o cérebro avalia e cria significados ao longo de toda a vida, sendo assim as perguntas são o resultado do que as pessoas pensam (2017, p. 238). Dessa forma pode se concluir que o que as pessoas ou a sociedade está perguntando, é aquilo que está em seu pensamento, sendo impulsionados pelo cérebro, a partir de tudo o que é adquirido ao longo da vida, até o momento da pergunta.

Para Bellote<sup>12</sup> (2021) de acordo com um estudo da Harvard Business School, um dos objetivos de fazer perguntas, é que ajuda abrir para novas descobertas, quando é motivada por curiosidade genuína. Sobre essa curiosidade genuína, Robbins vê as crianças como mestres em fazer perguntas. Isso ocorre porque:

As crianças fazem constantes avaliações sobre o que as coisas significam, e o que devem fazer. Estão começando a criar as neuro associações que guiarão seu futuro. São máquinas de aprender, e o caminho para aprender, pensar e efetuar novas correlações é iniciado por perguntas. {...} As perguntas constituem o meio primário pelo qual aprendemos praticamente qualquer coisa. Na verdade, todo o método socrático (um meio de ensinar que remonta ao antigo filósofo grego Sócrates) baseia-se no mestre se limitando a fazer perguntas, orientando o foco dos discípulos, e levando-os a encontrarem suas próprias respostas. (2017, p. 240).

A partir dessa correlação, é percebido a importância de boas perguntas para um bom aprendizado. O Jovem ao sair triste e recusar seguir a Jesus, com certeza aprendeu que para ter a vida eterna, precisava seguir a Jesus, e seguir envolve renúncia, a qual ele não estava disposto a fazer. E os discípulos aprenderam uma das

---

<sup>12</sup> (<https://vidasimples.co/colunistas/fazer-perguntasquestionstorming/#:~:text=De%20acordo%20com%20um%20estudo,descobertas%20e%20p>)

mais, se não a mais importante lição do evangelho, que tudo é possível para Deus, e a vida eterna só é possível por causa Dele.

Segundo Martins<sup>13</sup> (2020) o mais importante do que ter todas as respostas é saber fazer perguntas. “Perguntas nos movem e nos expandem. Ao invés de anestesiar nosso sentir, nosso pensar, nosso querer, os questionamentos são um convite, a nós mesmos e ao outro, para ver além do que já foi visto” . De fato, a pergunta feita pelo jovem e pelos discípulos fez revelar algo nunca visto antes, algo além do já aprendido sobre o assunto, e talvez como uma criança interior não tiveram medo de fazer a pergunta que ninguém tinha feito antes. Se não tivessem feito a pergunta, provavelmente não chegariam a verdadeira resposta, pelo menos não naquele momento.

Sobre isso, Robbins acrescenta que as melhores ou mais importantes respostas partem das melhores e mais importantes perguntas, e “as respostas que recebemos dependem das perguntas que estamos dispostos a fazer” (2017, p. 251). Assim ocorreu com o jovem e com os discípulos, estavam dispostos a fazer a pergunta que ninguém, ou quase ninguém tinha feito antes e receberam a verdade como resposta.

Martins<sup>14</sup> faz um importante acréscimo que encaixa bem com o texto e seu contexto anterior, entre adultos e crianças, ela diz:

Diferentemente das crianças, não perguntamos apenas porque queremos compreender. Muitas vezes nossos questionamentos vêm carregados de julgamentos”. Então, é preciso “compreender a real intenção por trás de um questionamento, a intenção mais profunda. Se a forma como nos colocamos é um convite ao diálogo, à reflexão mútua, ou apenas uma tentativa de calar o outro e fazer valer a nossa voz, a qualquer custo (2020).

Talvez o jovem tenha compreendido, baseado no contexto anterior (Jesus com as crianças), pelo menos, na questão da pergunta, que sua pergunta tinha que ser feita com a intensão de uma criança, e não como de um adulto, como fez um certo homem intérprete da lei (Lc 10.25). E como um convite urgente ao diálogo, com urgência de resposta, e assim como uma reflexão mútua de Jesus com o jovem e depois com os discípulos, entre a dúvida do jovem e dos discípulos e a certeza do ensino e da mensagem de Jesus, nada foi imposto a qualquer custo.

Para Robbins uma resposta, quando é feita uma pergunta, carece de certeza, pois na intenção certa, ela vem carregada de dúvidas e incertezas, pra só então poder

---

<sup>13</sup> (<https://lunetas.com.br>).

<sup>14</sup> Idem.

aflorar (2017, p. 247). Assim como a pergunta do jovem, como dos discípulos, veio carregada de dúvidas e de incertezas, mas sua resposta floresce até hoje.

Não apenas sua resposta floresce até hoje, como também a dúvida e a incerteza do jovem e dos discípulos imperam ainda hoje em uma sociedade que busca praticamente quase as mesmas coisas que o jovem e os discípulos buscavam. Sobre uma similaridade entre o jovem e os discípulos e a sociedade atual, Turlington diz:

Obviamente, Jesus entendeu que esse homem era uma vítima dos conceitos de sucesso e da “boa vida” e de segurança que prevaleciam na sua época (sem dúvida, há ideias paralelas na cultura moderna). O que mais significava para ele, aquilo que ele confiava para ter segurança, o tipo de vida de que ele gostava e achava confortável o haviam isolado da entrega verdadeira e absoluta a Deus (1986, p. 423).

É assim que conceitos e modelos de sucesso, busca por segurança e conforto, tem pressionado a sociedade em perguntas que vão na direção do sempre somar e nunca perder para atingir o objetivo e os anseios a suas dúvidas. Isso levanta uma suspeita, será que a sociedade tem entendido corretamente as respostas? Será que o Jovem entendeu corretamente a resposta de Jesus?

Sobre isso Rienecker acrescenta que: “Não sabemos com certeza se o jovem, afinal, entendeu isso, se ao rejeitar o desafio na verdade está se furtando à interferência de Deus em sua vida, que o atinge nessa exigência de Jesus”, e acrescenta ainda que: “é possível que ele simplesmente tenha entendido a exigência como uma resposta à sua pergunta {...} e ficado triste por não conseguir realizar essa obra” (1998, p.329). Mas Stagg vai dizer que o jovem entendeu a resposta, o que apenas não compreendeu foi o paradoxo da vida eterna, quem perder a vida por amor de Cristo a acharia, e não aprendeu que todo lucro começa com a perda, ainda diz: “Foi através desse teste que o moço rico pode descobrir se queria realmente ou não a vida eterna que lhe era colocada à disposição, de seguir a Jesus” (1986, p. 239).

Dessa forma fica a dúvida se de fato a sociedade realmente tem entendido as respostas, ou se as perguntas são feitas para através das respostas saberem o que de fato ela quer. Assim como o jovem que chegou a Jesus com urgência e uma dúvida angustiante, mas não foi capaz de abrir mão e seguir aquilo que lhe foi ordenado para obter aquilo que ele queria, através de um convite gracioso de Jesus. Assim também é a sociedade, não está disposta a sanar as suas dúvidas, afim seguir o que é certo e verdadeiro, apenas ponderar sobre o que lhe traga mais conforto e sucesso aqui e agora.

Mas de tudo uma coisa é certo, independente de aceitar e seguir ou não, a resposta certa precisa ser dita as perguntas que estão sendo feitas pela sociedade.

Sobre essa história Billy Graham disse o seguinte: “O jovem veio com a pergunta correta para o homem certo e recebeu a resposta correta, mas tomou a decisão errada” (BILLY GRHAM apud EDWARDS, 2018, p. 387).

### **3.2. O choque cultural entre duas cosmovisões**

De maneira bem simples, Nash define cosmovisão como “um conjunto de crenças sobre as questões mais importantes na vida”. Toda pessoa tem sua própria cosmovisão, o que falta muitas vezes é ter consciência de que ela existe. E aprofundando um pouco mais ele declara que cosmovisão “é um esquema conceitual pelo qual, consciente ou inconscientemente, aplicamos ou adequamos todas as coisas em que cremos, e interpretamos e julgamos a realidade” (2012, p. 17). Para Sire:

Essencialmente, cosmovisão é um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica de nosso mundo (2012, p. 18)

É importante o acréscimo de Sire, pois as pressuposições podem não ser verdadeiras, ou seja, não é pelo fato de acreditar que ela se torna verdade, isso até pode ser uma verdade para a pessoa e não ser uma verdade universal, principalmente quando há duas ou mais cosmovisões em debate.

Sobre isso Nash diz:

Quando alguém olha o mundo pela perspectiva da cosmovisão errada, o mundo não faz muito sentido. Ou o que a pessoa pensa fazer sentido estará, na verdade, errado em aspectos importantes. Aplicar o esquema conceitual correto, isto é, ver o mundo através da cosmovisão correta, pode ter repercussões importantes para o resto da compreensão da pessoa de acontecimentos e ideias (2012, p. 18).

No texto bíblico do presente estudo, fica evidente a presença de crenças e pressuposições em um esquema conceitual consciente, ou inconsciente, verdadeiro ou não, do jovem e dos discípulos, através das perguntas que fazem e da reação as respostas que recebem. Eles buscavam algo (vida eterna) a partir de suas

cosmovisões, mas foram surpreendidos pela cosmovisão de Jesus (do evangelho). Al-Tyyib diz que era costume de Jesus “ensinar os que vinham a ele, na verdade, aqueles que foram atraídos para eles, sobre o assunto da vida eterna” (AL-TYYIB apud BAILEY, 2016, p. 288). De certa forma tanto o jovem quanto os discípulos foram atraídos por Jesus e pelo evangelho, mesmo que por intensões diferentes ou não. É aí que acontece o choque cultural, entre eles e Jesus, buscavam a vida eterna a partir do judaísmo e não do evangelho do reino.

Para Nash divergências culturais provocam choque de cosmovisões e “a capacidade de alguns de estar aberto a novas crenças é amiúde função do sistema conceitual em termos do qual tais pessoas abordam o mundo e as alegações dos outros” (2012, p. 18). Além da ação do Espírito Santo, talvez esse seja um dos motivos pelo qual os discípulos fizeram o contrário do jovem, quando tiveram suas cosmovisões confrontadas, os três anos de repetição dos ensinamentos de Jesus.

Kraybill diz que o impacto do “reino de Deus anunciado por Jesus era uma nova ordem de coisas que parecia de ponta-cabeça em meio a cultura palestina no primeiro século. Além disso o reino de Deus continua a ter características de ponta-cabeça que rompem com diversas culturas ao redor do mundo de hoje” (2017, p. 06). A cosmovisão do evangelho, quando se choca com qualquer outra cultura, inclusive a religiosa, provoca dúvidas e questionamentos.

Talvez seja um erro achar que a religiosidade é o que tem de mais próximo da cosmovisão do evangelho, ou a religiosidade é uma impressão errada do evangelho de Cristo. Para Hendriksen “muitas pessoas haviam chegado a uma conclusão errada, entendendo que a prosperidade individual era um favor e virtude divina, e as adversidades pessoais, um sinal do seu desprazer, bem como da perversidade humana” (2003, p. 506). Esta ainda é uma visão muito presente hoje para muitos religiosos.

Quando a igreja de Cristo perde o foco da visão do verdadeiro evangelho, a dúvida boa, o choque bom entre cosmovisão que provoca, que instiga a buscar a verdade sobre o evangelho, acaba se perdendo pela dúvida e choque ruim entre cosmovisões. Ao invés de refletir Jesus e o evangelho, reflete algo maquiado, não em sua pura essência. Kraybill diz:



Às vezes é difícil ver Jesus porque ele vem até nós através dos filtros de vinte séculos da história da igreja. Nossas imagens dele podem vir de livros de histórias, adesivos de para-choque, ou palavras teológicas que dificilmente compreendemos. De muitas maneiras, os cristãos têm domesticado Jesus, domando-o para se adequar à nossa cultura e tempo (2017, p. 07).

Domesticar Jesus é domesticar o evangelho, pois não tem como separá-los, e tentar moldá-los a cultura e tempo atual é um erro que não só a igreja comete, mas também a sociedade secular. E ainda segundo Kraybill o ensino de Jesus continua o mesmo, mesmo que possa ter aplicações diferentes de acordo com determinados momentos e circunstâncias (2017, p. 08).

Mas na realidade esse choque cultural entre duas cosmovisões, e aqui faz-se distinção da visão do evangelho de Jesus das demais, sendo a outra tanto religiosa ou qualquer outra visão, é necessário para que o ensino de Jesus possa ser expandido. Tillich afirma que:

Poderia se dizer acertadamente, que a existência da religião é a prova mais cabal da queda humana. Mas isso não quer dizer que em tais condições a religião deveria ser eliminada pelo secular, como quer o secularismo, nem que o secular seja destruído pela religião, como quer o imperialismo eclesiástico (2009, p. 83).

O choque nesse sentido, não é ruim, tentar evitá-lo, é ser egoísta em não transmitir os ensinamentos de Jesus. O texto de Marcos, assim como diz Konings e Gomes é preciso ser visto a partir da perspectiva estrutural do caminho (2018, p. 09, 10). Isso explica o seu dinamismo, de Jesus e seus discípulos no meio das pessoas, e ao mesmo tempo que ensinava a multidão e em particular, aproveitava para reforçar seu ensino junto aos seus discípulos, os ensinamentos de Jesus sobre o evangelho não passaram despercebidos porque era no meio da sociedade e causava esse choque propositalmente, como forma de mostrar a diferença que existe entre a visão do reino das demais, pois se fosse secreto e não causasse o choque, não provocaria mudança de visão genuína, e também não teria chegado abertamente com tanto impacto a sociedade atual

Esse choque precisa ser provocado, assim como Jesus provocava com seu ensino e com sua vida exemplar, Pois o choque não somente cria dúvidas e anseios como também as esclarece a partir da verdade do evangelho. Mesmo porque quando o evangelho é visto a partir da visão que não é a visão do reino, ela pode provocar distorções da verdade. Edwards diz: “A palavra de Jesus veio a eles, como ao jovem

rico, não como um conforto, mas como uma ofensa. Ela suplanta a possibilidade humana (2018, p. 394). Até hoje a cosmovisão do reino, do evangelho, tem provocado o mesmo impacto e percepção nas pessoas, que provocou no momento ao jovem rico e aos discípulos, quando na verdade é o contrário.

Brunner baseado na primeira epístola de Paulo aos Coríntios sobre o evangelho ser um escândalo diz:

Usar esta palavra para a mensagem cristã soa, num primeiro momento, estranha ou mesmo provocativa. {...} São Paulo, falando na primeira epístola aos Coríntios do âmago de seu evangelho integral, diz ser um escândalo, isto é, um empecilho ou ofensa, e loucura ao homem não regenerado. A mensagem de Cristo, não obstante o fato de ser as boas novas para todo o mundo, é algo contra qual o homem natural não pode senão reagir e revoltar-se (2009, p. 09-10).

Esse escândalo que choca e que confronta usado por Paulo e comentado por Brunner, está posta até mesmo para o religioso, conforme percebido no texto em estudo, ou seja, se não passar pelo novo nascimento, como diz o apóstolo João “é preciso nascer de novo” (Jo 3.1-15), não há diferença entre religioso e os que são tidos por uma visão secular ou do mundo. É por isso, como diz Hendriksen que no evangelho de Jesus não existe espaço para a religião do jovem rico “que era a religião corrente entre os judeus daqueles dias. Qualquer coisa que diminua o valor da soberania de Deus na salvação do ser humano é condenável” (2003, p. 509). Isso valia naquela época, vale até hoje e sempre vai valer até a volta de Jesus Cristo. Não há espaço no evangelho para qualquer religião ou religiosidade, ou qualquer outro tipo de pensamento secular que coloque o ser humano em condições de qualquer feito notável para dar conta de si mesmo. Brunner acrescenta que “a ofensa com a qual o homem moderno ataca a mensagem do evangelho não é exatamente a mesma como em outros tempos, no entanto a natureza básica de sua oposição é a mesma que os apóstolos e o próprio Senhor falaram (2009, p. 12).

Por isso esse choque entre duas cosmovisões é inevitável e benéfico para provocar uma transformação genuína de alguém com o pensamento vigente do mundo, que pensa ser capaz, para se tornar alguém dependente e seguidor de Jesus Cristo. Mas isso acontece pelo poder do Espírito Santo e quando os cidadãos do reino apesar desse choque, entram em diálogos francos que são balizados pelo amor de Deus, assim como Jesus fez ao dar a resposta derradeira ao jovem, ele o amou,

mesmo que isso resultou em não aceitação da visão do reino. Como disse Tillich “a comunicação do evangelho significa expô-lo diante das pessoas para que decidam por ele ou contra ele” (2009, p. 259).

Quando esse choque não está acontecendo, duas coisas podem ser a causa. Uma é a falta da transmissão do ensino do evangelho, ou a transmissão de forma errada, isso com palavras e atitudes, assim como Jesus ensinava, Tillich diz que tem havido falha na comunicação do evangelho, tem faltado aproximação, contato com a existência das pessoas (2009, p. 263, 264 e 272). Os sinóticos relatam essa aproximação de Jesus ao ensinar com o toque, com o olhar amoroso como visto no texto estudado. O evangelho é o toque pessoal gracioso de Deus na existência da humanidade através de Jesus, com a intenção de resgatar e curar a humanidade perdida. A outra causa, talvez por influência da cultura atual o evangelho que tem sido ensinado seja outro e não o verdadeiro evangelho de Jesus. Sendo assim torna se pertinente os questionamentos de Tillich, qual evangelho a igreja tem comunicado ou qual evangelho ela comunicará? (2009, p. 262).

### **3.3. A verdade do evangelho a respeito da eternidade (vida)**

Assim como nos tempos de Jesus até os dias atuais a questão de como obter a eternidade (vida eterna) tem sido mal compreendida, a dúvida do jovem e dos discípulos foi exatamente essa. Portanto o texto vem justamente nessa direção, esclarecer de vez, sanar as dúvidas sobre essa questão importantíssima para a humanidade. Segundo Kunz “a salvação e a vida eterna são totalmente uma questão de desespero humano” (2014, p. 160). A dúvida continua sendo, o homem tem condição de se salvar?

O evangelho não somente é a resposta como também a solução, se para o homem é impossível, não para Deus (10.27). O evangelho na pessoa de Jesus é a abertura, o início do advento do Reino de Deus. Segundo Kunz é possível passar um camelo no fundo de uma agulha, apenas para Deus (2014, p. 158).

Edwards vê o reino de Deus como profundamente irônico:

Afirma-se na história anterior que não faltava nada para as crianças que não tinham nada, mas que o Reino de Deus era delas; contudo, falta algo para esse homem que possui tudo! Só quando ele vender tudo o que tem – só

quando ele se tornar vulnerável como uma criança – é que terá tudo. Jesus para a pergunta sobre o que ele precisa para herdar a vida no futuro (v. 17), direciona-o para o presente. Ele precisa fazer algo *agora*. Sua plena aderência a lei moral, por melhor e necessário que isso seja, não é um substituto para seguir a Jesus. (2018, p. 391).

Além de Jesus ver as crianças como o modelo de pessoas do Reino de Deus, talvez veja a criança em um contexto judaico como o melhor discípulo, alguém que abre mão do que não tem para ter tudo, vive na total dependência de seu mestre. Kunz sobre a infância diz: “Este termo latino (in-fancia) significa “ausência de voz”, incapacidade de falar. Ou seja, para uma criança resta apenas o seguinte: “as ordens se acatam, não se discutem.” (2018, p. 175). E Bortolini sobre o termo grego παιδίον, acrescenta que essa palavra pode indicar também “uma criança trabalhadora e não remunerada, que presta serviço gratuitamente, desprovida de toda pretensão de se promover e buscar poder” (BORTOLINI apud KUNZ, 2018, p. 175).

Enquanto a humanidade corre atrás do tudo para depender de si mesma. O evangelho não é uma troca, nada que não seja a dependência serve como substituto, não é parcial, é o tudo pelo tudo da vida eterna.

Ainda sobre essa tentativa de reduzir o evangelho tentando substituí-lo por algo da capacidade humana, Sanders diz:

Embora [Jesus] não se oponha à lei, ele indica que o mais importante era aceitá-lo e segui-lo. Isso por fim poderia resultar na percepção de que a lei não é necessária, mas parece que Jesus não chega a essa conclusão, nem, tampouco, parece que essa era a acusação contra o jovem rico. [...] [Ele] considerava sua própria missão como aquilo que realmente contava para alcançar a vida eterna. Se a coisa mais importante que as pessoas podiam fazer era aceitá-lo, a importância de outras demandas ficava reduzida, apesar de Jesus não dizer que essas demandas eram inválidas (SANDERS apud EDWARDS, 2018, p, 391).

Para Mulholand aqui nesse texto de Marcos, “Jesus apresenta um verdadeiro paradoxo, ao colocar dois ensinamentos lado a lado: vida eterna é um dom de Deus; nossa resposta é uma vida de obediência”. E esse dom da vida, concedido por Deus, não é “graça barata” (2007, p. 162). Sobre isso Bonhoeffer acrescenta que graça barata “é graça sem preço, sem custo. {...} A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado” (2016, p.14, 15).

Ao Jesus amar o jovem rico, ele disse: “Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens e dá {...} então vem e segue-me” (10.21). O “só uma coisa falta, não é um adicional, como se aquilo que o jovem praticava também ajudava na salvação,

Edwards diz que: “O chamado para seguir Jesus não se constitui uma obrigação adicional na vida, mas, antes, julga, substitui e subordina todas as obrigações e alianças aquele que diz “Segue-me”” (2018, p. 387). E o amor não funciona como um bônus ao relaxamento do discipulado. Mulholland diz que: “O amor de Jesus, entretanto, não o leva a reduzir as exigências do discipulado a fim de fazer com que haja uma conversão mais facilmente” (2007, p. 161).

Bailey coloca o amor gratuito e inesperado como central no evangelho (1995, p. 360). Mas, esse amor de Deus que atinge a humanidade requer o retorno amoroso da humanidade para com ele. E ainda para Bailey “a pessoa de Jesus funciona como agente único de Deus cujo chamado de “Segue-me” é considerado repetidamente como equivalente a “Segue o caminho de Deus” (1995, p. 360-361).

Fica evidente na seção e no texto que o evangelho, que salva (vida eterna), é uma ação exclusiva de Deus que exige discipulado (segue-me), e o discipulado só se conquista com renúncia total, esse é o preço que a humanidade não está disposta a pagar, assim como o jovem, ou tenta pagar pela metade.

Se engana quem pensa que riqueza é a única barreira para seguir a Jesus (discipulado), Jesus usou a riqueza do jovem para chamar a atenção dos discípulos para o todo do v. 29 do qual a riqueza faz parte. Jesus já havia falado sobre isso na parábola do semeador (Mt 13.22), provavelmente foi isso que aconteceu com o jovem, deve ter ficado admirado com as palavras de Jesus, porém a fascinação pela riqueza a sufocou. Segundo Shields o jovem “tinha rejeitado o desafio de Jesus de renunciar a sua riqueza pessoal” (2015, p. 74). Esse é o difícil, a renúncia em prol do evangelho.

Mas segundo Edwards “a riqueza pode existir e com frequência existe em outras formas que não a material” (2018, p. 394), e Kunz diz que: “O mesmo é verdadeiro, naturalmente, no que diz respeito áqueles cujas riquezas não são materiais: os intelectualmente destacados, os ricos em realizações morais e artísticas, e pessoas semelhantes” (2014, p. 158).

No contexto anterior (8.34-38; 9.42-48) a renúncia implica perder a vida para ganhar, Shields afirma que “quanto à questão da salvação eterna, os valores terrenos são invertidos” (2015, p. 75), essa inversão é notada no tom severo de Jesus, não existe meio termo para a renúncia. Implica também negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir a Jesus, sem auto negação o discípulo não consegue carregar a sua

cruz, esse é o exemplo de Jesus para o discipulado, cada discípulo tem a sua própria cruz para carregar, esse é o preço. Por isso Bonhoeffer diz que discipulado sem cruz é graça barata, e uma graça barata não salva ninguém.

Edwards acrescenta que “os maiores inimigos da fé e da obediência são a satisfação consigo mesmo e o orgulho, e nada remove esses obstáculos com maior eficácia que a pobreza”, e ainda acrescenta: “Com certeza a riqueza é um perigo potencial para a fé, no entanto, não é categoricamente condenada por Jesus” (2018, p. 392 e 393). Por isso ao falar da riqueza não está fazendo nenhum ataque a ela, o não ter nada significa viver na dependência exclusiva e total de Deus, isso foi o que Jesus ordenou ao jovem, o discípulo vive da dependência de seu mestre e Senhor. Sendo assim Jesus é enfático ao instruir a eliminar tudo o que faz tropeçar (9.43-48). Segundo Williamson, Jesus “requer nossa melhor obediência e tudo o que possuímos. Ainda assim, tudo que podemos fazer não é o bastante para alcançar a vida que almejamos” (WILLIAMSON apud MULHOLLAND, 2007, p. 162), a isso Mulholland acrescenta: “A graça de Deus faz com que tanto a salvação como o discipulado sejam possíveis” (2007, p. 162).

Na realidade essa renúncia em prol do discipulado exigida por Jesus, não pode ser interesseira ou por outros objetivos, mesmo que seja a vida eterna a não ser por amor a ele e ao evangelho (10.29), e como recompensa no presente haverá perseguições, este termo está presente no ensino de Jesus sobre o evangelho. Por isso, segundo Mulholland o chamado “Evangelho da Prosperidade” que tenta equiparar melhoria econômica com espiritualidade, é uma contradição ao ensino de Jesus (2007, p. 163). E como recompensa futura para aqueles que seguiram a Jesus a vida eterna.

O apóstolo Paulo escrevendo para os romanos (1.16) define muito bem o que é o evangelho, “é o poder de Deus” para a salvação de todo aquele que crê, só herdará a vida eterna aquele que é salvo por Cristo Jesus, e só segue aquele crê. Edwards diz que “há nessa troca entre Jesus e os discípulos o inconfundível cerne da doutrina da graça, conforme exposta mais tarde pelo apóstolo Paulo” (2018, p. 395).

Para Mulholland no texto de Marcos (10.17-31), “Jesus afirma que o reino de Deus é um dom que não pode ser conquistado; pertence àqueles que não fazem qualquer reivindicação sobre ele”, nem ganhando o mundo todo pode adquirir (8.36).

“Ao mesmo tempo a entrada no reino requer o compromisso de fazer todas as coisas segundo a vontade de Deus em vez da vontade própria” (2007, p. 159). Edwards acrescenta: “Uma pessoa que leva uma vida exemplar – que até mesmo se torna benquisto para o Filho de Deus – ainda assim pode ser um idólatra” (2018, p. 392), e não ter a vida eterna.

A vida eterna tão almejada pelo jovem e pela humanidade não se adquire por méritos ou por obrigação, está baseada totalmente na ação divina que em resposta só ordena a renúncia e o segue-me, mas por amor somente a Jesus e ao evangelho. As palavras de Kunz refletem bem o que é a salvação, que dá acesso a vida eterna:

O que o homem não pode fazer, Deus pode. A salvação, para os ricos e para os pobres, sempre é um milagre da graça divina. sempre é dádiva de Deus. A salvação é proclamada como ato de Deus. Ninguém sem ajuda *entra* no Reino. Ninguém consegue grandes coisas e herdar a vida eterna. Uma herança é uma dádiva e não um direito adquirido. Ninguém tem direitos no Reino, nem mesmo os ricos com todo o seu potencial de realizar obras. A salvação está além do alcance humano; é possível apenas para Deus (2014, p. 160).

Por isso nenhum ser humano tem o direito a vida eterna, tem a ação graciosa de Deus em herdar a vida eterna. Deus como um Pai amoroso chama a humanidade com uma ordem convite, que implica em renúncia amorosa ao discipulado (segue-me). Quem está disposto a pagar o preço do discipulado? Sendo assim, os cidadãos do reino, não tem o direito de ser feliz, mas a graça de ser feliz, e poder gozar a vida eterna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de Marcos nos estudos sobre Jesus, revela que talvez alguns estudiosos se enganaram em tratá-lo como inferior aos demais evangelhos, ou como um mero resumidor. Seus relatos sobre os atos de Jesus e seus ensinamentos impressionam pela riqueza e vivacidade de detalhes, ao ponto de transportar o leitor para dentro da cena, não apenas como um mero telespectador, mas como um participante que interage com a cena.

Sua influência de um dos discípulos mais próximo de Jesus, garante sua autoridade e confiabilidade no mesmo patamar dos evangelhos sinóticos e o identifica como parte fundamental e indispensável ao único evangelho de Jesus Cristo.

Não é de se admirar que o apóstolo Paulo escrevendo sua segunda epístola a Timóteo, e já perto de sua morte, pede para que traga Marcos, pois Ihe é muito útil ao ministério (2Tm 4.11), se a data provável de escrita do evangelho segundo Marcos, for por volta de no máximo o início dos anos 60 d.C., então o seu evangelho Ihe seria muito útil para a propagação do evangelho para os gentios, e talvez esse poderia ser um dos motivos para Paulo mandar trazê-lo.

O texto estudado no presente trabalho, Marcos 10.17-31 realmente tem muito mais a ensinar do que apenas falar em riquezas, é parte importante de uma seção onde o discipulado e o preço do discipulado são enfatizados no ensinamento dos discípulos. De fato, esse texto funciona como uma força centrípeta que atrai todos os elementos ensinados por Jesus nesta seção, onde a riqueza é apenas uma isca usada para chamar a atenção dos discípulos para um dos principais cerne do evangelho, a salvação.

Por três vezes nesta seção Jesus ensina em particular os discípulos sobre o que é o evangelho e como proceder, após três vezes prever sua morte perante eles, e entre esses momentos Jesus dá ênfase nos ensinamentos com exemplos reais de atos que ocorreram.

Esse texto traz duas perguntas super importantes que até hoje é feita pela humanidade na busca da eternidade: “O que pode ser feito para herdar a vida eterna” e “quem pode ser salvo”, uma feita pelo jovem rico e a outra pelos discípulos. Reflete



a ânsia urgente de uma sociedade que carrega toda uma bagagem cultural como influência sobre refletir a eternidade. Mas quando a visão do Reino de Deus entra em choque com essa outra bagagem cultural, provoca dúvidas e questionamentos.

Jesus em um dialogo franco espoeem a perspectiva exata sobre a vida eterna e como obter lá. Esse dialogo pautado no amor de Jesus, serve de modelo para que a igreja sempre responda as perguntas que a sociedade está fazendo, e não responder perguntas que não estão sendo feitas.

A dúvida demonstrada tanto pelo jovem quanto pelos discípulos, é a mesma que a humanidade tem até hoje. Não se consegue a vida eterna por méritos, obras ou qualquer feito moral, nem por qualquer feito humano, é impossível ao ser humano. Mas tudo que é impossível aos homens não é para Deus, pois para Deus tudo é possível.

A única coisa que Jesus pede em resposta ao ato gracioso de Deus, é o discipulado, o “vem e segue-me”, isso não de qualquer jeito, não pode ser uma mera obrigação, mas com renúncia total de si mesmo e de todas as coisas que impedem de seguir. Por amor a Jesus e ao evangelho. Como recompensa pelas perdas e o discipulado, Jesus promete muitas vezes mais em perseguições no presente, e no futuro a vida eterna.

Essa perícoppe de Marcos 10.17-31 é uma síntese do evangelho, revela e “proclama a salvação como uma dádiva gratuita da graça” (BAILEY, 1995, p.358) de Deus. Ela se encontra em um dos contextos mais importantes do ensino de Jesus sobre o discipulado, assim como as crianças. É nessa seção que Jesus diz: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á” (8.34-35); “Tudo é possível ao que crê” (9.23); “Se alguém que ser o primeiro, será o último e sevo de todos” (9.35); “Para os homens é impossível: contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível” (10.27); “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10.45).

Em resposta às duvidas da sociedade, Jesus não diminui o evangelho, nem o substitui por outro, porque isso implicaria em outra fonte de salvação, e nem abre mão

do verdadeiro discipulado por números e adeptos. O discipulado não é uma troca, mas o reconhecimento amoroso da aceitação da graça divina.

Provavelmente todo o mundo tem um pouco do jovem rico, uns mais, outros menos, pois deixar tudo e negar-se a si mesmo é muito difícil para a humanidade, somente por amor a Jesus e ao evangelho, e é esse amor que Jesus deseja de um cidadão do reino. Muitos, assim como o jovem rico veem ansiosos e sinceros atrás da vida eterna, mas não estão dispostos a pagar o preço. Poucos, assim como os “discípulos” de Jesus estão dispostos a pagar o preço, e não pelo objetivo último a vida eterna, mas por amor, pela dependência constante ao único e poderoso capaz de salvar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLAH, Ariane. (<https://forbes.com.br/forbes-collab/2021/07/ariane-abdallah-como-fazer-boas-perguntas/>).

ALLAND, Barbara (et. al. eds.). O Novo Testamento grego – 5ª edição revisada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

AMARAL JUNIOR, Vasconcelos do. *O evangelho de Marcos: teologia para a atualidade*. Interações: Cultura e Comunidade, vol. 6, núm. 9, enero-junio, 2011, pp. 75-91. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Uberlândia Minas Gerais, Brasil.

BAILEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas*. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

\_\_\_\_\_. *Jesus pela ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BELOTTE, Tiago. <https://vidasimples.co/colunistas/fazer-perguntas-questionstorming/#:~:text=De%20acordo%20com%20um%20estudo,descobertas%20e%20p>

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BRUNNER, Emil. *O escândalo do cristianismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

EUSÉBIO, Bispo de Cesareia. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000. – Coleção Patrística.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

COENEN, Lothar.; BROWN, Colin (orgs.). Volume I. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COENEN, Lothar.; BROWN, Colin (orgs.). Volume II. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3ª ed. rev. São Paul: Vida Nova, 2008.

EDWARDS, James R. *O comentário de Marcos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

\_\_\_\_\_. *Como ler a Bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

GEISLER, Norman L.; NIX, William E. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. São Paulo: Vida, 1997

GINGRICH, F. Wilbur ; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento: Grego, Português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GOMES, Paulo Sérgio.; OLIVETTE, Odayr. *Novo testamento interlinear analítico Grego-Português – texto majoritário com aparato crítico*. São Paulo. Cultura: Cristã, 2008.

GOURGUES, Michel. *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus: das origens a atualidade*. São Paulo. Edições Loyola, 2004: Coleção Bíblica Loyola – 39.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

HENDRIKSEN, William. *Marcos: comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Mundo:Cristão. 2003.

HOLMAN. *Bíblia King James 1611*. 4ª ed. rev. Niterói: BV BOOKS, 2021.

HORSLEY, Richard A. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995. – Bíblia e sociologia.

HÖSTER, Gerhard. *Introdução e síntese do novo testamento*. 3ª ed. Curitiba, PR. Editora: Evangélica Esperança, 2020.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 10ª ed. São Paulo: Paulus, 1976.

\_\_\_\_\_. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo. Paulus, 2010.

KRAYBILL. Donald B. *O reino de ponta cabeça*. Bragança Paulista, SP: Mensagem Para Todos, 2017.

KONINGS, Johan.; GOMES, Rita Maria. *Marcos: o evangelho do reinado de Deus*. São Paulo: Edições: Loyola, 2018. (A Bíblia passo a passo).

KUNS, Claiton André. *As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*. Curitiba, PR: A.D: Santos Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. *Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos*. Curitiba, PR: A.D: Santos Editora, 2018.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseados em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LOWERY, David K. Teologia de Marcos. IN.: ZUCK, Roy B. (ed, ger.). *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

MARTINS, Laís Barros. <https://lunetas.com.br/perguntas-de-criancas-por-que-e-importante-perguntar-por-que/#:~:text=A%20import%C3%A2ncia%20do%20'por%20qu%C3%AA'&text=%E2%80%9CPerguntas%20nos%20movem%20e%20nos,do%20que%20j%C3%A1%20foi%20visto%E2%80%9D>.

MORRIS, Leon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007. Serie Cultura Bíblica.

NASH, Ronald H. *Cosmovisões em conflito: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento. Análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego"*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

REGA, Lourenço Stelio.; BERGMANN, Johannes. *Noções de grego bíblico: gramática fundamental*. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

RIENECKER, Fritz. *O Evangelho de Mateus: Comentário Esperança*. 1ª ed. Curitiba, PR: Ed. Evangélica Esperança, 1998.

ROBBINS, Tony. *Desperte seu gigante interior: como assumir o controle de tudo em sua vida*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

ROLLAND, Bernard.; SAULNIER, Christiane. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1983.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003

SHEDD, Russell Philip. *Bíblia Shedd*. 2ª ed. rev. e atual. No Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica, 1997.

SHIELDS, Norman A. *Marcos: O Evangelho Do Filho de Deus*. São Paulo: PES, 2000.

SILVA, Antônio Gilberto da. *A Bíblia através dos séculos: A história e formação do livro dos livros*. 15º Ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2004.

SIRE, James W. *Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

SPROUL, RC. *Estudos bíblicos expositivos em Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996.

STRAUSS, Mark L. *Marcos: Comentario exegético-prático del Nuevo Testamento*. Barcelona: Publicaciones Andamio, 2018.

TASKER, R. V. G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2007

TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento sua origem e análise*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. 18ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TURLINGTON, Henry E. Marcos. IN.: ALLEN, Clifton J. (ed, ger.). *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento. VOL. 8*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1986.

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.